

# **UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

## **FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA**

### **OBSERVATÓRIO DO PERCURSO DOS DIPLOMADOS PELA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

“Perfil Social e Trajectória Escolar dos Licenciados”

Monografia de Licenciatura realizada no âmbito do Seminário “*Observatório do Percurso dos Diplomados pela Faculdade de Ciências nos Cursos de 2005/2006*”, com vista à obtenção do grau de Licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física.

**Coordenação:** Professor Rui Gomes

**Orientação:** Dr<sup>a</sup> Elsa Silva

## INDICE

	<b>Página</b>
ÍNDICE DE QUADROS.....	III
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	V
AGRADECIMENTOS.....	VI
RESUMO.....	VII
ABSTRAT.....	VIII
CAPÍTULO I- INTRODUÇÃO.....	1
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. OBJECTIVOS DO ESTUDO.....	3
3. MODELO DE ESTÁGIO.....	4
4. ESTRUTURA DO TRABALHO.....	5
CAPITULO II- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	6
1. O ENSINO ESCOLAR.....	6
1.1. Função Social da Escola: a Escola Enquanto instancia de socialização e espaço democrático.....	6
1.2. Exclusão escolar e a democratização do ensino básico em Portugal.....	7
1.3. Autonomia das escolas.....	8
1.4. As escolas como agente de socialização.....	10
2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	11
2.1. Formação inicial dos professores.....	12
2.2. Formação Contínua de professores.....	14
2.3. Formação superior em Educação Física.....	16
3. TRAJECTÓRIA ESCOLAR DE UM PROFESSOR.....	17
3.1. Etapas da vida de um professor.....	18
3.2. Educação para a carreira e Formação Profissional.....	20
3.3. Transição da escola para a vida profissional.....	21
4. SUCESSOS E INSUCESSO ESCOLARES.....	24

4.1. O que é o insucesso escolar?.....	25
4.2. O porquê do insucesso escolar?.....	26
4.3. Factores associados ao sucesso e insucesso escolar.....	27
4.4. A função da universidade no combate ao Insucesso Escolares.....	28
PROBLEMÁTICA EM ESTUDO.....	30
CAPÍTULO III- METODOLOGIA.....	31
1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	31
2. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	33
2.1. O Inquérito por questionário.....	34
2.3. Características do inquérito relativo às dimensões da origem social e da trajectória escolar.....	36
2.3. Análise e Tratamento de Dados.....	37
CAPÍTULO IV- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	38
1. PERFIL SOCIAL.....	38
2. TRAJECTÓRIA ESCOLAR.....	48
CAPÍTULO V- CONCLUSÕES.....	66
CAPÍTULO VI- REFLEXÕES E RECOMENDAÇÕES.....	69
1. REFLEXÕES.....	69
2. RECOMENDAÇÕES.....	70
CAPÍTULO VII- BIBLIOGRAFIA.....	72
ANEXOS	
ANEXO 1- Inquérito do Estudo	
ANEXO 2- Dados do tratamento estatístico	

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro III.1</b> Constituição da Amostra	31
<b>Quadro IV.1</b> Idade dos licenciados	39
<b>Quadro IV.2</b> Mudança de Residência	40
<b>Quadro IV.3</b> Concelho para onde mudaram	40
<b>Quadro IV.4</b> Estado Civil	41
<b>Quadro IV.5</b> Grupo Doméstico	41
<b>Quadro IV.6</b> Escolaridade dos Pais/ Cônjuge	43
<b>Quadro IV.7</b> Condição dos Pais/ Cônjuge perante o trabalho	45
<b>Quadro IV.8</b> Profissão Principal dos Diplomados Inquiridos	47
<b>Quadro IV.9</b> Tipo de estabelecimento de Ensino Secundário Frequentado pelos licenciados	48
<b>Quadro IV.10</b> Habilitação de Candidatura ao Ensino Superior	49
<b>Quadro IV.11</b> Modalidade de acesso ao Ensino Superior	50
<b>Quadro IV.12</b> Nota média de candidatura ao FCDEF-UC segundo o género	50
<b>Quadro IV.13</b> Razões para não terminado o curso no tempo curricular mínimo	52
<b>Quadro IV.14</b> Razões para o ingresso neste curso	53

<b>Quadro IV.15</b> Razões para o ingresso neste estabelecimento de ensino	54
<b>Quadro IV.16</b> Média Final de curso	55
<b>Quadro IV.17</b> Se fosse hoje, o que faria?	56
<b>Quadro IV.18</b> Qual o estabelecimento que escolheria?	57
<b>Quadro IV.19</b> Anos do curso que trabalhou	58
<b>Quadro IV.20</b> Formação no âmbito do curso	60
<b>Quadro IV.21</b> Tipo de formação complementar efectuada no País	61
<b>Quadro IV.22</b> Tipo de formação complementar efectuada no Estrangeiro	62
<b>Quadro IV.23</b> Importância dos vários tipos de formação no processo de aprendizagem	62
<b>Quadro IV.24</b> Frequência de formação de âmbito académico após obtenção de diploma	63
<b>Quadro IV.25</b> Tipo de formação de âmbito académico a obtenção de diploma	64
<b>Quadro IV.26</b> Razões para o prosseguimento de estudos académicos	64
<b>Quadro IV.27</b> Distribuição dos diplomados segundo o desejo de frequentar formação de âmbito académico	65
<b>Quadro IV.28</b> Formação de âmbito académico que os diplomados inquiridos pretendem frequentar	65

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico IV.1</b> Diplomados segundo o género	31
<b>Gráfico IV.2</b> Situação dos diplomados face à actividade	46
<b>Gráfico IV.3</b> Localidade onde o Licenciado terminou o Ensino Secundário	48
<b>Gráfico IV.4</b> Escolha da FCDEF-UC como primeira opção	51
<b>Gráfico IV.5</b> Conclusão do curso no tempo curricular mínimo	52
<b>Gráfico IV.7</b> Trabalhou durante o curso	57
<b>Gráfico IV.8</b> Formação complementar	58

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, acho que tenho a agradecer à minha família pelo apoio e esforço prestado durante todo o curso, pois foram eles que fizeram todo o esforço para eu conseguir prosseguir meus estudos. A pessoa que sou e os valores que defendo são fruto da educação da minha família, eles merecem tudo o que houver de melhor na vida, pois sou o que sou hoje, graças à minha família.

Agradeço também a Dr<sup>a</sup> Elsa Silva e ao Dr<sup>a</sup> Rui Gomes, pela paciência, apoio conhecimentos transmitidos e disponibilidade, demonstrados ao longo dos quatro anos do curso.

Tenho uma palavra de apreço para com os Licenciados que responderam ao inquérito, pela paciência e disponibilidade, que permitiram a plena consecução desta investigação.

À Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, pela formação académica prestada ao longo destes anos.

Ao meu namorado e família pelo apoio, paciência e força que sempre em mim depositaram, A eles um especial obrigado.

Aos meus colegas de seminário, de estágio, de curso e de vida, que sempre estiveram presentes ao longo destes anos.

E a todos aqueles que gostam de mim.....

A todos um muito obrigado!

## **RESUMO**

Esta monografia pretende reflectir sobre o perfil dos licenciados que iniciaram e terminaram a licenciatura na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra nos anos de 2005/2006 em relação ao perfil social e sobre a sua trajectória escolar, de forma a compreendermos os factores inerentes ao sucesso ou insucesso dos mesmos no decurso da sua formação académica.

Utilizámos uma amostra aleatória e representativa do Universo dos diplomados pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, no ano lectivo de 2005/2006, constituída por 21 sujeitos, dos quais 11 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

Para desenvolvermos esta investigação, aplicámos um inquérito por questionário de forma a podermos recolher dados factuais no domínio pessoal e comportamental dos inquiridos e ainda opiniões individuais acerca das suas atitudes, expectativas em relação a determinado acontecimento ou problema.



## ABSTRACT

This monograph intends to reflect on the profile of the graduates that initiated and ended their degrees in the Faculty of Sciences of Sports and Physical Education of the University of Coimbra, in the school year of 2005/2006. That profile is related to the graduate's social situation and school trajectory, in order for us to understand the factors inherent to their success and failure during their academic formation.

The universe of the study that was used comprehends graduates of the Faculty of Science of Sport and Physical Education, more specifically a representative and random sample constituted by 21 subjects (11 males and 10 females) that got their degrees in the school year of 2005/2006.

So the present investigation could give us a reliable source, we applied one inquire to collect factual data on the personal and behavioural areas of the subjects, and collected individual opinions about their attitudes and expectations related to a certain event or problem.

We concluded that the students with a cultural, social, economics and school lower capital have more difficulty in the superior studies.

## **CAPITULO I**

### **1.INTRODUÇÃO**

Este trabalho insere-se no âmbito da unidade curricular de Seminário, sendo o último passo para a obtenção da Licenciatura em Educação Física pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF- UC).

O tema determinado para o referido estudo é: “ Observatório do percurso dos Licenciados do FCDEF- UC”, sendo esta temática dividida em quatro dimensões correspondentes ao Perfil Social, Trajectória Escolar, Trajectória Profissional e representações/ Expectativas face à Trajectória Profissional desses Licenciados. Este tema foi abordado por três seminaristas, sendo o objectivo específico deste trabalho a análise da origem social e trajectória escolar dos licenciados referentes aos anos 2005-2006.

Sendo a educação "o processo de formação do conhecimento humano tem estreita relação com o processo de produção e reprodução das condições efectivas do trabalho humano. Grande parcela do conhecimento é gerado no exercício do trabalho, toma corpo, autonomiza-se e passa, então, a se realimentar, voltando a adequar o trabalho às necessidades e interesses de quem o produziu, o homem e a mulher. A partir daí, gera-se novo ciclo de conhecimento/relações sociais e de trabalho em um movimento de realimentação sem fim" (Peliano, 1996).

A Educação escolar tem como objectivos instruir, estimular e socializar os educandos. Assim e nesta perspectiva, pela expansão da escolaridade e o alargamento da base social de recrutamento de alunos deu lugar ao aparecimento de desigualdades sociais no interior da escola, que serão transportados ao longo da vida dos educandos.

Ferraz (2001) diz-nos que o direito ao sucesso, deliberada e inteligentemente assumido, pode originar uma grande coragem e empenho mas, ao contrário, a desvalorização pessoal, no que respeita ao direito ao sucesso e ao legítimo exercício desse direito, acarreta consequências nefastas, exemplificadas por inúmeras formas de desequilíbrio.

As condicionantes sociais são muitas vezes factores de desmotivação académica para muitos alunos, quer pela falta de perspectivas e ambições de ascendência social e económica, quer pelas dificuldades sentidas no acesso, por

razões económicas, geográficas ou outras, a determinadas condições facilitadoras das próprias aprendizagens, acabam por apresentar baixas taxas de empenho nas tarefas escolares.

## **2. OBJECTIVOS DO ESTUDO**

Este estudo permite contribuir para o desenvolvimento de uma capacidade reflexiva e criativa, em contacto com a realidade das condicionantes sociais, culturais e económicas dos licenciados que fazem parte do objecto de estudo.

Neste estudo poderá estar visível quais as qualidades e o que é preciso mudar na FCDEF- UC, segundo os Licenciados que a frequentaram.

Deste modo esta investigação serve preferencialmente para analisar a FCDEF- UC, em geral, mas também em particular os seus alunos.

Para a FCDEF-UC na medida em que este estudo contribui para a apreciação do seu desempenho, permitindo avaliar a facilidade ou dificuldade que os seus licenciados têm em relação à frequência desta. Para os alunos, a importância deste estudo não é menor, pois possibilita que estes dêem o seu contributo na reflexão da melhoria deste estabelecimento de ensino.

Através da definição do perfil social, analisando o nível cultural e social das famílias dos licenciados, tenta-se relacionar este e o sucesso ou insucesso escolar.

Pretende-se descobrir também quais as dificuldades, motivações, expectativas e o grau de satisfação relativamente à sua trajectória escolar, nomeadamente referente à FCDEF- UC.

Uma vez que se estuda o perfil social e trajectória escolar dos licenciados, há necessidade de se encontrarem formas do nosso sistema educativo intervir positivamente para assim, modificar todas as lacunas evidentes neste mesmo sistema educativo para poder promover a igualdade de oportunidades entre as diferentes classes sociais. No meu ver, todos os dados recolhidos neste estudo, irão servir para se poder projectar uma possível futura evolução Universitária e nas relações com a sociedade onde esta se insere.

Também este estudo, poderá propiciar uma oportunidade para melhor se conhecer uma realidade que eu irei um dia enfrentar e que me servirá para desenvolver capacidades reflexivas, criativas e investigativas.

### **3. MODELO DE ESTÁGIO**

Consideramos pertinente abordar, antes de efectuar a apresentação dos resultados, o modelo de estágio, uma vez que foi neste ano de estudo que sofreu algumas mudanças significativas.

O estágio pedagógico, é uma disciplina inserida no 4º ano da licenciatura em Educação Física e Desporto da FCDEF-UC.

Este resulta da colaboração, definida em protocolo, entre a FCDEF e as Escolas (secundárias ou 3º ciclo), devidamente reconhecida pelo Ministério da Educação através da Direcção Regional da Educação do Centro (DREC), tendo a primeira como competências a organização do processo de estágio em articulação com as escolas protocoladas, a formação dos estagiários, a sua distribuição pelas Escolas e a orientação científica das actividades de estágio.

Esta disciplina tem o objectivo principal, favorecer a integração dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo dos três anos de formação inicial, através de uma prática docente em situação real e orientada de forma a profissionalizar docentes de Educação Física competentes e adequadamente preparados para a profissão.

Neste desenvolvem-se actividades lectivas e não lectivas, onde se consideram três grandes grupos de competências: as competências de concepção, as competências de realização e as competências de avaliação traduzidas nas quatro grandes áreas: actividades de ensino-aprendizagem (área 1); actividades de intervenção na escola (área 2); actividades de relação com o meio (área 3) e actividades de natureza científico - pedagógicas ( área 4).

Posto isto, será pertinente pronunciar que foi neste ano de estudo, em que os estagiários, deixaram de possuir o vínculo contratual com a escola, ou seja, deixaram de ter alguma autonomia e independência, e passaram a leccionar as aulas das turmas do próprio orientador, no modelo actual mencionado em cima.

Ainda neste ano, e por imposição da DREC, alguns dos núcleos de estágio, apenas puderam contar com duas turmas, pelo que tiveram de ser partilhadas entre os três ou quatro estagiários de cada um desses núcleos, o que teve implicações em algumas das respostas obtidas.

## **4 ESTRUTURA DO TRABALHO**

Este trabalho divide-se em sete capítulos.

No primeiro capítulo podemos encontrar a introdução do trabalho, bem como os objectivos delineados para este estudo.

O segundo capítulo corresponde à revisão de literatura, onde é efectuado um enquadramento teórico tentando contextualizar o sistema educativo português para a compreensão da trajectória escolar. Deu-se também importância à trajectória da vida de um professor, pretendo verificar quais as fases em que este terá de passar, quais as dificuldades encontradas pela escola durante o processo de aprendizagem.

É também tido em conta a função social da escola e a problemática do insucesso escolar e suas causas.

Relativamente ao capítulo três, neste são apresentados os procedimentos realizados para levar a cabo esta investigação empírica para a recolha de dados e de informação, bem como para o tratamento de estas.

No quarto capítulo, centra-se sobretudo, no tratamento dos dados recolhidos e na sua discussão, procurando conhecer o perfil social e a trajectória escolar dos licenciados no ano lectivo 2005/2006.

Através de todos os dados adquiridos, foram tiradas determinadas conclusões, que serão apresentadas no quinto capítulo.

No sexto capítulo são feitas as reflexões e recomendações finais acerca do trabalho efectuado.

No último capítulo (VII) contém as obras e autores que foram consultados para a elaboração desta monografia.

## **CAPÍTULO II- REVISÃO DA LITERATURA**

### **1. ENSINO ESCOLAR**

#### **1.1.Função Social da Escola: a Escola Enquanto instância de socialização e espaço democrático**

Na sociedade moderna, a escola ocupa um lugar privilegiado no processo de socialização. O fenómeno da democratização do ensino veio levantar um certo número de preocupações de natureza política e social e justificar uma reflexão mais cuidada quer sobre o papel da educação no processo de desenvolvimento, quer mesmo sobre a natureza das funções do ensino de forma a satisfazer de maneira mais eficaz e adequada, as necessidades e os objectivos dos estudantes e da própria sociedade. (Coombs, 1970)

Para Palácios (1995), a escola é, junto com a família, a instituição social que maiores repercussões tem para a criança. A escola não só intervém no saber científico organizado culturalmente como influi em todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individuação da criança, como são o desenvolvimento das relações afectivas, a habilidade de participar em situações sociais, a aquisição de destrezas relacionadas com a competência comunicativa, o desenvolvimento da identidade sexual, das condutas pró-sociais e da própria identidade pessoal.

De acordo com Benoit e seus colaboradores “ a escola é uma organização social cujos fins são transmitir conhecimentos e ajudar ao desenvolvimento do aluno (...) a sua actividade principal está centrada na comunicação. Ensinar é comunicar; receber ensino, também. Tudo o que se passa, quer no plano analógico, quer no digital, tem que ser posto em relação com a totalidade do contexto, não somente no interior dos subsistemas da escola, mas também dos sistemas família-escola e escola-sociedade.” (1998).

A escola enquanto instrumento passivo de socialização deverá tornar-se, juntamente com os demais agentes de socialização, num elemento activo desse mesmo processo estimulado não só a transmissão do saber mas ainda o desempenho sucessivo e simultâneo de “papéis” que facilitarão a integração dos alunos na vida adulta. (Arroteia, 1991).

## **1.2 Exclusão escolar e a democratização do ensino básico em Portugal;**

Nos dias de hoje, a exclusão escolar tem vindo a adquirir uma visibilidade social sem precedentes, por razões que se prendem, sobretudo, com o papel que em geral se atribui à escola quer como dispositivo de regulação social, quer, neste âmbito e por força do fenómeno crescente da credencialização, como um dispositivo regulador do acesso dos indivíduos ao mercado de trabalho. Nunca como hoje as habilitações académicas assumiram a importância que assumem na relação entre os indivíduos e o (des)emprego, sendo possível concluir que embora os níveis de escolaridade sempre tenham condicionado o tipo de opções profissionais realizadas, nem sempre o insucesso escolar foi entendido como um factor potenciador de exclusão social.(Trindade, 1996).

As carências educativas acumuladas ao longo de muitas décadas têm exigido, da parte do governo português, uma aposta muito forte nas mudanças qualitativas e no investimento educativo. Com efeito, após a revolução de 25 de Abril de 1974, têm vindo a ser feitos esforços verdadeiramente consideráveis no desenvolvimento, na expansão e na democratização do ensino. Enfrentaram-se os problemas e tomaram-se medidas para garantir o acesso a um mínimo de nove anos de escolaridade obrigatória a todas as crianças e jovens, tendo em vista erradicar o analfabetismo, particularmente prevalente entre a população mais idosa – de acordo com os dados do Censo de 1991, ainda 12,1% da população com 15 e mais anos não sabia ler nem escrever, e uma grande percentagem não possuía os níveis de literacia considerados essenciais, correspondentes à escolaridade obrigatória.

Sendo assim, tendo consciência que a educação é uma exigência de uma sociedade aberta, de conhecimento e de informação, em que as pessoas e as suas qualificações são um factor decisivo do desenvolvimento, o governo considerou a educação como primeira prioridade, numa perspectiva de um processo longo que, envolvendo toda a sociedade, tem em vista a estabilização das instituições e a partilha de responsabilidades com os principais protagonistas da educação na definição das grandes linhas de acção para o futuro.



É esta tomada de consciência, acerca da relação de interdependência entre exclusão escolar e exclusão social, que explica a importância assumida pela primeira no âmbito dos debates que hoje se travam na área das Ciências da Educação, nomeadamente aqueles que se relacionam com a democratização e a credibilidade social da escola portuguesa, a qual é posta em causa pelos números que dispomos acerca do que se convencionou designar por mortalidade escolar no âmbito do sistema educativo português. Assim, constata-se que, ao nível da escolaridade básica, segundo números de 1992, existem 150 000 repetentes, aos quais será necessário acrescentar os outros 90 000 que, anualmente, vão abandonando as escolas (Azevedo, 1994).

Parece-me ser hoje muito mais pertinente, do ponto de vista sócio-educativo, reflectir sobre as modalidades e as estratégias que têm vindo a ser utilizadas no combate à exclusão escolar, reflexão que todavia não pode ser dissociada da discussão acerca dos eixos conceptuais, das tensões e dos equívocos que têm vindo a caracterizar o debate em torno da definição do actual mandato educativo do sistema português, de forma a explicitar-se, assim, o que neste sistema se entende por educativamente desejável e legítimo (Stoer, Stoleroff & Correia, 1990).

Em suma, qualquer abordagem útil da problemática da exclusão escolar reafirma-se, deverá ser considerada como uma questão que diz respeito, em primeiro lugar, às escolas, o que implica necessariamente uma discussão aberta acerca do sentido e da natureza das acções e dos projectos que aí se desenvolvem. Só depois se torna importante discutir as modalidades educativas e os recursos necessários à construção de espaços escolares que por elegerem a dignidade, a diversidade e a democratização do sucesso como os seus vectores principais, se podem assumir, por isso, como espaços escolares inclusivos.

## **1.2. Autonomia das escolas**

A autonomia é definida como independência, isolamento, onde o sujeito assume o completo poder / controlo em completa oposição ao poder / controlo exercido por outros. Ser autónomo implica, desta forma, um corte radical e uma ausência total de qualquer dependência dos outros. Contudo, esta percepção corresponde muito pouco ao verdadeiro significado da autonomia.

Lima (1991), afirma que mesmo num sistema educativo altamente estruturado e centralizado, impondo as suas regras através da produção legislativa aos estabelecimentos de ensino da sua dependência, tal não significa que esses mesmos estabelecimentos de ensino cumpram uniformemente essas regras. “O actor é o elemento central – aquele que, mesmo nas situações mais extremas, conserva sempre um mínimo de liberdade que utilizará para *bater o sistema*.”). Por isso, este autor fala de infidelidade normativa por parte das escolas às regras impostas que pode passar pela reprodução total, parcial, ou a não reprodução dos conteúdos normativos. Esta infidelidade às regras do sistema deve-se ao facto de os actores interagirem entre si e serem fieis aos seus objectivos, interesses, e estratégias, permitindo que a escola assuma a sua identidade dentro do sistema em que está inserida. Assim, “a escola não será apenas uma instância *hetero*-organizada para a reprodução, mas também uma instância *auto*-organizada para a produção de regras e tomada de decisões” (Barroso, 1996.)

Sarmiento (1998), considera que a análise da autonomia do estabelecimento de ensino necessita do contributo da sociologia da acção. Se é verdade que as perspectivas sociológicas do conflito (Bourdieu, 1989; Bourdieu & Passeron, 1970) alertam para o facto do sistema educativo *reproduzir* a estrutura social, estando a acção dos actores *determinada* à partida; contudo o que é facto é que os actores no *contexto local*, apesar de condicionados pela estrutura sistémica, interagem entre si, estruturando a sua acção em função de objectivos colectivos próprios. “As interdependências sistémicas e estruturais colocam os actores, nos contextos de acção, numa relação que é sempre de constrangimento e de possibilidade, de hetero e de autoregulação.”.

A escola é uma instituição regida por múltiplas e minuciosas prescrições externas. Todas as escolas, recebem um conjunto extraordinário de normativas que deixam escassas margens de autonomia aos profissionais que nelas trabalham.

A autonomia tem as suas vantagens caso seja empregue para adaptar a instituição às necessidades do contexto e dos alunos. Porém, corre o risco de fomentar a concorrência entre escolas e prejudicar as mais desfavorecidas que não podem concorrer em igualdade de condições (Contreras, 1997).

Uma regulamentação minuciosa cerceia a independência do professorado, diminui a responsabilidade e restringe a iniciativa. A classe docente limita-se a cumprir as prescrições e desanima face às suas responsabilidades. Ou seja, se quem

governa a escola está fora dela e se considera perito em questões pedagógicas, reservando aos profissionais o papel de meros aplicadores ou executantes, os verdadeiros responsáveis por aquilo que se passa nas escolas serão aqueles que legislam com esse grau de minúcia. (Guerra, 2000).

Isto que no nosso ver deverá ter alguma relação com o trabalho, pois em vez da escola se preocupar com o futuro profissional dos alunos, apenas se regula por uma normativa explícita.

Posto isto, segundo (Gairin, 1999) a escola deve ser uma comunidade de aprendizagem e não apenas de ensino. Enquanto construção elaborada e intencional, a comunidade não é uma simples amálgama de indivíduos que desempenham isoladamente a sua tarefa. Quer se queira quer não, os profissionais de ensino que trabalham numa escola formam uma unidade formam uma unidade de acção que produz efeitos nos respectivos destinatários.

### **1.3. As escolas como agente de socialização**

A socialização é a assimilação de hábitos características do seu grupo social, todo o processo através do qual um indivíduo se torna membro funcional de uma comunidade, assimilando a cultura que lhe é própria.

A educação escolar, identificada num dado currículo, tem um significado marcadamente social já que perspectivada quer pelos interesses das forças sociais que buscam na educação algum tipo de utilidade, quer pela integração do aprendente numa sociedade que lhe exige o desempenho de determinados papéis. Deste modo, a socialização do sujeito é uma das finalidades principais da escola que servirá para prepará-lo para o mundo do trabalho, fornecendo-lhe hábitos de trabalho e habilidades intelectuais e manuais, (Santos 2000).

Azevedo (2000), menciona que a escola enquanto instância de socialização e em particular, a escola básica e secundária tem uma responsabilidade especial na formação de jovens como cidadãos e como futuros cidadãos titulares de direitos. O autor acrescenta ainda que não podemos esquecer que a educação vai muito além da escola, pois de nada servirão as competências e as vivências proporcionadas pela escola se for coarctada a possibilidade da sua sequência, reforço e aprofundamento em outros contextos de acção e aprendizagem social por que as pessoas passam, ao longo da vida.

Sendo assim, a escola é vista, por muitos autores, como um espaço democrático. Com a democratização do ensino nasce uma maior preocupação político- social para satisfazer as necessidades e objectivos dos estudantes e da sociedade, ( Coombs,1970

## **2. Formação de professores**

O conceito “ formação “, segundo Honore (citado em Garcia, 1999) é vulgarmente associado a alguma actividade, sempre que se trata de formação para algo. A formação também pode ser assente num processo de desenvolvimento, de estruturação da pessoa, que se realiza com duplo efeito numa maturação interna, com possibilidades de aprendizagem e havendo experiências com sujeitos.

Ao falar-se da formação como instituição, esta refere-se à estrutura organizacional que planifica e desenvolve as actividades de formação (Ferry, citado por Garcia, 1999).

Para o CRUP (2000), referindo Shulman (1987) e Grossman (1990), a formação de professores implica, não só, a aprendizagem dos assuntos que ele tem que ensinar (formação na especialidade), mas também a aprendizagem de como ensinar e como se inserir no espaço educativo (formação educacional). A excelente formação na especialidade, não garante o domínio das práticas pedagógicas nem do conhecimento didáctico.

Em Portugal só no final da década de sessenta e no início da década de setenta é que podemos referir a existência de orientações de política de formação contínua de professores.

Na década de sessenta, as mudanças sociais e económicas existentes no país, obrigaram o regime a conceder uma nova atenção à questão educativa, procurando responder aos atrasos estruturais do sistema de ensino ( Nóvoa, 1992).

Na década de setenta, o sistema educativo português viu-se confrontado com o problema da sua expansão, em virtude da própria evolução do país, o que gerou uma procura de respostas para colmatar as necessidades impostas. Em consequência disso, Nóvoa (1992), citado por Silva (2001), define esta década, como sendo marcada pelo número de profissionais com formações bastantes heterogéneas.

Nas décadas seguintes, mais propriamente na década de oitenta, assistimos a um crescimento das actividades de formação, com o aparecimento da profissionalização em serviço. Este tipo de formação vem no sentido de tentar

resolver um grave problema estrutural criado pela expansão rápida do sistema educativo (Nóvoa, 1992).

A importância da formação de professores só foi devidamente reconhecida com a Reforma do Sistema Educativo, em 1986, através da institucionalização na Lei de Bases do Sistema Educativo, que reconhece a formação contínua como um direito a todos os educadores, professores e outros profissionais.

## **2.1 Formação inicial dos professores**

Com a expansão e generalização da escolaridade obrigatória vivemos em Portugal, nas décadas de 60, 70 e 80, um período de grande carência de professores. Com a formação e o recrutamento intensivo de professores nos últimos anos e o declínio da taxa de natalidade, esse problema está, no essencial, ultrapassado. Mas outro problema surgiu no seu lugar o da qualidade da formação, tanto dos novos docentes que, embora em menor número, continuarão a ser necessários como dos docentes já em serviço que, em muitos casos, não puderam ter a formação inicial mais desejável.

As mudanças educativas reclamadas por muitas vozes e, em alguns casos, já previstas na legislação em vigor requerem um novo perfil de saberes e competências profissionais que muitos dos docentes, apesar de terem recebido uma formação inicial de índole profissionalizante, não tiveram oportunidade de desenvolver na sua totalidade. Embora se tenha tornado já um lugar comum dizê-lo, a verdade é que passámos o ciclo quantitativo e entrámos num novo ciclo em que a prioridade se centra sobretudo nos aspectos qualitativos.

Ao falar sobre a formação inicial de professores deve-se fazer referência quase exclusivamente aos estágios de ensino e ao efeito que eles têm sobre os professores em formação. Os “estágios de ensino” refere-se ao que Zeichner define como “todas as variedades de observação e de experiência docente em um programa de formação inicial de professores: experiências de campo que precedem o trabalho em cursos académicos, as experiências precoces incluídas nos cursos académicos, as práticas de ensino e os programas de iniciação” (1992).

Os professores em formação entram no programa de formação com crenças pessoais a respeito do ensino, com imagens do bom professor, imagens de si mesmos como professores e a memória de si próprios como alunos. Essas crenças e imagens

pessoais geralmente permanecem sem alteração ao longo do programa de formação e acompanham os professores durante as suas práticas de ensino (Kagan, 1992).

Assim, várias formas têm sido propostas para definir o perfil de competências gerais e específicas, para o exercício da docência. Na verdade, a formação inicial tem de garantir o desenvolvimento de competências em diversas áreas fundamentais:

- a) Formação pessoal, social e cultural dos futuros docentes;
- b) Formação científica, tecnológica, técnica ou artística na respectiva especialidade sem dominar, com elevado grau de competência, os conteúdos supostos a ensinar, não é possível exercer de modo adequado a sua função profissional.
- c) Formação no domínio educacional, que diz respeito à herança da pedagogia, os contributos das ciências da educação, a reflexão sobre os problemas educacionais do mundo de hoje, as problemáticas e os contributos da investigação realizada pela didáctica e pelas outras áreas das ciências da educação são, naturalmente, elementos essenciais na constituição da profissionalidade docente.
- d) O desenvolvimento progressivo das competências docentes a integrar no exercício da prática pedagógica. Não basta ao professor conhecer teorias, perspectivas e resultados de investigação. Tem de ser capaz de construir soluções adequadas para os diversos aspectos da sua acção profissional, o que requer não só a capacidade de mobilização e articulação de conhecimentos teóricos, mas também a capacidade de lidar com situações práticas.
- e) O desenvolvimento de capacidades e atitudes de análise crítica, de inovação e de investigação pedagógica. O professor não é um mero técnico nem um simples transmissor de conhecimento, mas um profissional que tem de ser capaz de identificar os problemas que surgem na sua actividade, procurando construir soluções adequadas, pelo que tem, ele próprio, de possuir competências significativas no domínio da análise crítica de situações e da produção de novo conhecimento visando a sua transformação.

Em síntese, o conhecimento proposicional da matéria, das teorias de aprendizagem ou do desenvolvimento curricular não são traduzíveis directamente para a acção, (Calderhead, 1988). Equacionar a forma como se podem desenvolver estas aprendizagens é uma importante condição para se analisar o modo de concretizar a formação inicial de professores.

O início da docência é uma das fases do processo de desenvolvimento profissional, entendido como um *continuum*, do qual fazem parte a experiência acumulada durante a passagem pela escola enquanto estudante, a formação profissional específica – que tem sido denominada formação *inicial* –, a iniciação na carreira e a formação *contínua*.

Caracteriza-se pela passagem de estudante a professor, iniciada já durante o processo de formação inicial, principalmente por meio da realização de actividades de estágio e prática de ensino. Entretanto, neste caso, o contacto dos estudantes com o campo profissional é exógeno, ou seja, eles ainda não são efectivamente profissionais. Assim, as características do início da docência manifestam-se com algumas especificidades.

Ao tratarmos do processo de inserção dos docentes na aprendizagem profissional, não podemos deixar de referir Huberman (1992), e a sua teoria acerca do ciclo vital dos professores. O autor identifica, como primeira fase desse ciclo, a de entrada na carreira, que corresponde aos dois a três primeiros anos de ensino caracteriza-se pelos aspectos de sobrevivência e de descoberta, geralmente vividos em paralelo. A sobrevivência é identificada com o ‘choque do real’, a constatação da complexidade da situação profissional: o investigar constante, a preocupação consigo próprio (‘Estou-me a aguentar?’), a distância entre os ideais e as realidades quotidianas da sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos, a oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, dificuldades com alunos que criam problemas, com material didáctico inadequado.

## **2.2. Formação Contínua dos professores**

Segundo Formosinho (1991), a formação contínua de professores é a formação dos professores dotados de formação inicial profissional, visando o seu aperfeiçoamento pessoal e profissional, pelo que deve ser vista como um processo que acompanha, em termos efectivos, a vida do professor.

Segundo Esteve (1992), a formação contínua tem menos importância do que a prevenção durante o processo de formação inicial, pois, desde que o professor em início de carreira supere o “choque com a realidade”, as tensões iniciais diminuem, possibilitando-lhe a sua auto-realização profissional.

No entanto, a formação continua também se revela imprescindível para o desenvolvimento e realização profissional do professor se for concebida segundo uma perspectiva relacional, colocando os professores em situações de trabalho em equipa, num clima de autenticidade e cooperação, orientado para a análise de problemas concretos do quotidiano profissional.

Enquanto a formação inicial pode ter um cariz preventivo, procurando preparar os potenciais professores para os possíveis problemas da profissão docente, a formação continua pode ter um sentido resolutivo destes problemas profissionais.

O professor é um profissional da educação que ao longo dos tempos tem vindo a ser apontado com o responsável pela má qualidade de ensino. No entanto ao longo da história da educação, foram poucas as oportunidades dadas aos professores, para manifestarem as suas práticas pedagógicas.

Depois deste longo período, em que o docente foi relegado para uma posição subordinada, não só relativamente às suas condições de trabalho, mas também do ponto de vista pedagógico, actualmente observa-se uma importante revalorização da sua posição e do seu papel. Todas as análises persistem em sublinhar que o docente não deve limitar-se exclusivamente à transmissão de conhecimentos, mas também constituir-se como um guia dos seus alunos para encontrar, organizar e processar o saber. Para isso deve estar em condições de adaptar a sua relação com os estudantes.

A formação académica de profissionais da educação possui basicamente duas etapas: a inicial e a continuada. Segundo Negrine (1997), a etapa inicial caracteriza-se como a que credencia o indivíduo a actuar em determinada área do conhecimento e é adquirida com a conclusão do curso de licenciatura ou bacharelado.

Já a outra etapa de formação, denominada formação contínua, envolve todas as aprendizagens decorrentes da actualização permanente, das experiências profissionais vivenciadas, associadas ou não aos cursos de actualização em nível de *lato* ou *stricto sensu*, que ampliam a formação inicial, (Vidal, 2001).

Segundo Neira (2003), qualquer teoria de ensino perderá todo seu valor se não forem entendidos os meios de formação continuada de professores que, como se verifica, é o obstáculo maior à transformação do que se faz em sala de aula. Para tanto, o entendimento do processo de aprendizagem, da função social da escola, do papel do professor e do aluno, bem como da decisão por programas ou conteúdos de ensino, encontra-se em dependência do percurso de formação profissional ao qual o professor teve acesso. As diferenças encontradas nas formas pelas quais os docentes



conduzem os processos de ensino, residem, entre outros factores, na diversidade de formação e oportunidades de contacto com teorias e tendências pedagógicas.

### **2.3. Formação superior em Educação Física**

Para Kunz (2005), a importância da Educação Física revela-se através da actuação profissional em vários âmbitos educacionais, proporcionando às crianças e jovens, cultura, lazer e uma melhor qualidade de vida. O mesmo autor afirma ainda que “ o curso de Educação Física deverá formar profissionais com conhecimentos pedagógicos, capazes de actuar e, diferentes ambientes educacionais, como a formação cultural, científica e técnica.”

Benites e Sousa Neto (2005), mencionam que o profissional de Educação Física, deve estar qualificado para analisar a realidade social e intervir nos aspectos académicos e profissionalizantes nos diferentes aspectos da profissão.

Durante várias décadas os profissionais de Educação física e Desporto definiram-se através da integração de actos, pensamentos e formas de agir que, embora submetendo-se a restaurações sucessivas, não eram objecto de conflito radicais. As lutas situavam-se essencialmente, no âmbito das condições de trabalho, na afirmação profissional e social, Pereira (2001).

Mais recentemente, na sequência das alterações do contexto político, dos progressos científicos e técnicos, da integração da disciplina no contexto Universitário, das transformações teóricas e práticas, a questão da identidade, factor de unidade entre os profissionais foi profundamente afectada. Surgem assim, atitudes, comportamentos, desconfianças que põem em causa o sentido da profissão. E as dúvidas vão surgindo progressivamente, à medida que verificamos que muitas das mudanças teóricas surgidas não se subordinam a autênticas mudanças culturais, não foram realizadas a partir das necessidades e aspirações da comunidade científica e profissional. Foram, antes baseadas em artificialismos, aconteceram de fora para dentro, e abstiveram-se de ter em conta a memória colectiva da profissão.

Neste momento é urgente que os profissionais de educação Física e Desporto adquiram novas condutas e novos saberes, no sentido de se proceder à reestruturação de uma profissão uma teoria, uma prática, uma ética (Crespo 1992).

Para tal, é necessário que exista uma profissão mais exigente, mais rigorosa, mais corporativa, mais solidária, mais política, menos facilitadora, menos defensiva,

menos académica e menos sectorial, fiel à matriz identitária original e centrando as preocupações nas diversas movimentações sociais, (Constantino, 1995).

A diminuição do número global de alunos matriculados em todos os níveis de ensino desde 95/96 e o aumento descontrolado do número de licenciados em E.F., nos últimos anos, repercute o aumento de professores de Educação Física não colocados no ensino, (Ferreira, 2005).

As falhas da E.F., resultam da falta organizativa do Sistema Educativo e da pouca vontade política. É preciso reconhecer o verdadeiro valor da E.F., como disciplina curricular única da educação corporal.

### **3.Trajectória escolar do professor**

Actualmente acredita-se que, até certo ponto, as pessoas podem deliberadamente influenciar as suas trajectórias escolares, profissionais, quer durante o período de formação (inicial ou contínua) quer no decurso da sua vida profissional (Campos & Coimbra, 1992; Greenhaus, 1987).

O processo educativo, em qualquer dos seus estádios de formação, proporcionará aos indivíduos, de um modo mais ou menos explícito, diversas oportunidades de resolução de tarefas vocacionais, isto é, de confronto com situações que os levam a ponderar diferentes alternativas de acção que envolvem aspectos relativos à realização pessoal, à satisfação, ao investimento ou ao desempenho de papéis.

As circunstâncias que envolvem a entrada no contexto escolar são disso um exemplo, na medida em que dizem respeito à exploração da relação que os sujeitos mantêm com o mundo das formações tendo em vista a sua adaptação, integração e desempenho. O mesmo sucede com muitas das situações que terão lugar durante o próprio ciclo de aprendizagem as quais implicarão a concretização, questionamento ou consolidação da escolha, ou ainda as inerentes ao processo de saída, isto é, de transição para a vida activa.

A história de vida é, actualmente, uma importante fonte de informação sobre a prática profissional docente, (Nóvoa, 1992).

Até à década de 80, aproximadamente, apesar da denominação *processo ensino-aprendizagem*, as pesquisas focavam muito mais o modo como os alunos aprendiam do que *como o professor ensinava*. Segundo Tardif, Lessard & Lahaye

(1991) os saberes dos professores, quase sempre, foram considerados como saberes de segunda ordem, ou seja, não foram aproveitados pela academia na formação de novos profissionais. Entretanto, diversos autores actuais, entre eles, Nóvoa (1992), Schon (1992), Pérez-Gómez (1992), Garcia (1992) e Perrenoud (1993) vêm demonstrando a importância de se trazer estes conhecimentos como uma forte contribuição à formação profissional.

Gonçalves (1992), ao analisar o percurso profissional, julga que este é o resultado da acção conjugada de três processos de desenvolvimento: o pessoal, da profissionalização e o da socialização profissional.

Segundo Lahere (1997), trata-se de considerar uma possível configuração social familiar, na qual os factores analisados se encontram definidos por relações de interdependência. Portanto, são muitas as variáveis a compor a trajetória escolar do sujeito e que tornam singular cada caso, cada percurso, cada história de fracasso ou de sucesso.

### **3.1. Etapas da vida de um professor**

Vários investigadores abordaram as vidas dos professores, partindo do pressuposto que as diferentes experiências, atitudes, percepções, expectativas, satisfações, frustrações, preocupações parecem estar correlacionados com as diferentes fases da vida profissional e pessoal dos professores. Admite-se que cada uma destas fases não é de passagem obrigatória, pois existem aspectos ou situações pessoais, profissionais, contextuais que influenciam os professores.

A vida dos professores, como escreve Huberman, é um processo, não uma sucessão de acontecimentos. Este processo não é linear, mas está repleto de oscilações ou regressões. Ao longo dos anos foram-se acumulando um vasto conjunto de dados sobre as principais etapas de orientação para o estudo da vida dos professores. A forma como a profissão é vivida desde o início, não é igual em todos os professores. Facto que será decisivo no modo como se chega depois ao fim da carreira. Uns permanecem ainda entusiastas pelo ensino, mas outros estão já completamente desalentados, por anos e anos de frustrações. Várias foram os autores que se debruçaram sobre o percurso profissional do professor, tentando encontrar nele fases de vivências experimentadas pela generalidade dos professores.

Nesta linha e de acordo com Fuller (1980), nos primeiros anos de carreira, que ele designou de fase de pré-ensino, os futuros professores manifestam-se muito preocupados com a situação dos alunos, tendo frequentemente uma visão fantasiosa da vida de professor. Nos primeiros tempos de leccionação, face aos problemas que encontram nas escolas e nas suas relações com os alunos, passam a centrar as suas preocupações na sua própria sobrevivência, e na sua imagem como professores.

Já a meio da carreira docente devido a uma idade mais elevada, compromissos familiares, e outros factores similares, o professor, segundo Paterson (1980), passa subtilmente a estabelecer relações mais formais ou paternalistas com os alunos. Entre os 28 e os 33 anos, segundo Sikes (1980), a carreira do professor entra numa fase de transição. É a fase de estabilidade para uns e a procura de um novo emprego para outros. Nesta fase os professores começam a estar mais interessados no ensino do que no domínio dos conteúdos. Huberman (1980), afirma que 4 a 6 anos depois do início da profissão, os professores entram numa fase de estabilização.

Próximo do fim da carreira, ainda segundo Paterson, o professor torna-se no conselheiro generoso, mas mais distante, ou crítico amargo e desiludido com os alunos e os colegas das gerações mais novas.

Entre os 55 até à aposentação, os professores segundo Sikes, reduzem a disciplina e as exigências para com os alunos. Huberman assinala que nesta fase, é possível encontrar três tipos de atitudes, cristalizando três tipos de percursos profissionais anteriores: Os "positivos" prosseguem o seu alegre caminho de aperfeiçoamento pessoal e profissional; os "defensivos" que face às experiências passadas se mostram mais do que nunca pouco optimistas e generosos; os "desencantados", como o nome indica estão cansados e prontos a desancar todos os que encontram pela frente.

Em suma, são diversas as formas de viver a profissão e os modos de a terminar, tudo parece depender do projecto de vida de cada um.

### **3.2. Educação para a carreira e Formação Profissional**

Observando o panorama da educação para a carreira e formação profissional, facilmente entendemos qual a importância que estas têm na orientação de jovens adultos, assim como a importância da formação profissional simultânea à formação académica.

A educação é um bem de natureza privada, em consequência de ser apropriada por cada indivíduo, o qual se constitui no primeiro beneficiário dos resultados que ela produz, nomeadamente a produção de um “capital humano”, (Becker, 1964; Schultz, 1961; Eicher, 1997; Williams, 1995).

A orientação educativa é um elemento fundamental que contribui para a qualidade e eficácia do ensino.

Taveira (1995) refere que os jovens revelam sérias dificuldades nesta transição, não apenas porque as oportunidades de emprego escasseiam mas também porque a escola demonstra dificuldades na preparação dos jovens para o trabalho.

O jovem adulto, aquando da entrada para o ensino superior, vê-se confrontado com múltiplos desafios, essenciais para o desenvolvimento da autonomia e da identidade. O aumento do número de jovens que frequentam o ensino superior, criou espaço, para que um novo estágio de desenvolvimento surgisse, entre o fim da adolescência e o início da idade adulta. A expressão, *jovem adulto*, descreve esse período, que se situa no intervalo etário dos 18 anos aos 25 e que é caracterizado por transformações de ordem familiar, vocacional, cognitiva, sexual, ideológica e étnica. (Rebelo 2002).

Aquando da entrada para o Ensino Superior, o jovem adulto vê-se confrontado com múltiplos desafios de integração, tais como:

- a) A necessidade de estabelecer novas relações interpessoais;
- b) A necessidade de se enquadrar no clima social, intelectual e académico próprio da área de estudos que frequentam;
- c) Necessidade de ter sucesso académico, de forma, a corresponder às expectativas geradas em torno da sua entrada para a instituição. (Diniz, 2005).

Assim, a resolução destes desafios a par da frequência da Universidade, são vistos como essenciais para o desenvolvimento da autonomia, da competência para lidar com a complexidade do mundo e da identidade. Neste sentido e de acordo com Chickering e Reisser (1993), devemos usar a complexidade e riqueza associada ao conceito de desenvolvimento do estudante e, desta forma, olharmos para o crescimento e desenvolvimento do jovem adulto como um mosaico de competências, atitudes, crenças e significados em mudança, entendendo que cada estudante representa diferentes formas, cores e texturas.

Com efeito, a frequência Universitária é também contextualizada como um momento de transição de vida, em que o sujeito encontra um contexto que o vai ajudar, por um lado, a dissolver as suas actuais estruturas cognitivo - afectivas ainda muito focadas no final da adolescência ( especialmente durante os primeiros anos) e, por outro, a construir um outra estrutura mais complexa e adaptada aos desafios do mundo do trabalho. (Rebelo 2002).

### **3.3. Transição da escola para a vida profissional**

A inserção profissional dos jovens é, desde finais da década de setenta, uma das principais preocupações dos poderes públicos, estando na origem da proliferação de um conjunto diversificado de medidas no âmbito das políticas de emprego, de educação/formação e da juventude. A eleição da inserção profissional como um dos principais problemas com que se debate a juventude contemporânea, se não mesmo o principal, contribui para a importância que esta problemática tem vindo a assumir junto dos cientistas sociais. No entanto, apesar da multiplicidade de estudos empíricos sobre esta temática, a inserção profissional continua a ser, ainda hoje, uma noção fluida e incerta à procura de uma definição conceptual estabilizada, ancorada numa “teoria da inserção” que está, também ela, por construir.

Em consequência da incerteza e da imprevisibilidade que actualmente rodeia o mercado de trabalho, em que a relação entre formação, profissão e emprego é cada vez mais precária e incerta, os indivíduos vêm-se confrontados, ao longo da sua vida activa, com problemas complexos relacionados com o ingresso e permanência no mercado de trabalho.

Face a este aumento da incerteza em torno dos itinerários profissionais, a orientação escolar e profissional deve ser encarada como apoio sistemático à construção de projectos de vida, de modo a que seja dada a todos, jovens e adultos, a oportunidade de em qualquer altura da suas trajetórias, educativa ou profissional, explorarem e (re) direccionarem a sua relação de investimento com o mundo. Nesta perspectiva, a transição para a vida activa já não deve ser encarada como um acontecimento ocasional, que se esgota num acto único de escolha, mas sim como um processo que se desenrola ao longo do ciclo de vida do indivíduo.

Já em 2000, num dos seus relatórios, a OCDE sugeria que a transição para a vida laboral era apenas uma das transições que os jovens teriam que fazer no caminho para a vida adulta. Numa perspectiva de formação ao longo da vida, a transição do ensino secundário para a universidade é vista, simplesmente, como a primeira de muitas transições entre o trabalho e a aprendizagem que os jovens vão experimentar ao longo das suas vidas. (Alves, 2000).

Os indivíduos enfrentam diferentes transições durante as suas vidas. A transição da escola para o emprego é um desses períodos críticos: a preparação dos jovens para a entrada na vida económica e adulta

Neste sentido, o Labour Force Survey (2000), argumenta, que a transição da escola para o trabalho não é linear e que o abandono da escola não é, necessariamente, seguido do início do trabalho, sendo aquela passagem gradual, em que os jovens experimentam, muitas das vezes, períodos intercalados de estudo e de trabalho.

É parte de um complexo processo que precisa de ser organizado de uma forma simples, clara e transparente de modo a permitir aos alunos progredir da educação para o emprego, identificando e ultrapassando as barreiras ou dificuldades que possam encontrar.

A problemática da transição ao trabalho, por parte dos diplomados do ensino superior, tem vindo, também em Portugal, a ganhar visibilidade crescente, infelizmente pelas piores razões, a do desemprego. Este fenómeno transformou-se

nas últimas décadas, num dos principais problemas, com o qual, as sociedades ditas de modernas, se têm vindo a confrontar.

O desemprego, que até há bem pouco tempo, afectava fundamentalmente as camadas populacionais menos escolarizadas e, conseqüentemente, menos dotadas em termos de competências para fazer face às, cada vez mais, profundas exigências do mercado de trabalho, alargou progressivamente a sua incidência, atingindo agora também, o até há bem pouco tempo incólume, grupo de jovens diplomados do ensino superior.

A década de 90 trouxe este fenómeno do desemprego dos jovens Diplomados do Ensino Superior, verificando-se progressivamente o aumento de dificuldades dos mesmos, na transição para trabalho. Estas circunstâncias originam logicamente situações de instabilidade, precariedade e uma aproximação constante ao desemprego. Apesar de algumas fontes insistirem em que os indicadores sobre o desemprego em Portugal, relativamente aos jovens diplomados, não representam ainda, características preocupantes, o facto é que, já há uma década, Alves (1998) referia que “(...) se se mantiver a tendência perspectivando no sentido do aumento do número dos diplomados do Ensino Superior, e se se agravarem as possibilidades efectivas da sua absorção no mercado de trabalho, consideramos possível a emergência de um contexto em que as desigualdades de inserção destes diplomados sejam crescentes(...)”, afirmação que, pela sua actualidade, nos faz pressupor, face à conjuntura actual, um futuro tumultuoso.

Independentemente disso, continua-se a assistir a um aumento do investimento, por parte dos jovens (e não só), na formação de índole superior, com o objectivo de alcançar uma mais fácil transição ao trabalho ou trajectórias profissionais ascendentes, mesmo quando é, cada vez mais, genericamente aceite, que este investimento em educação, não significa objectiva e automaticamente, uma melhor e mais rápida transição para o mercado de trabalho.

Potencialmente, os diplomados do Ensino Superior estarão em melhores condições para fazer face ao mesmo, mas importa lembrar que inúmeros aspectos influenciam e caracterizam esta mesma transição. Desta forma, despontam descontinuidades que urge conhecer, fundamentalmente ao nível da relação entre sistema educativo e sistema produtivo, de forma, a que os mesmos não se distanciem mais. Com a



massificação da educação, iniciada com gratuidade de oferta e posteriormente, com a instituição da obrigatoriedade, assiste-se, segundo Pais (1994), a uma extensão dos percursos e investimentos escolares, bem como a um adiamento na entrada da vida activa e, consequentemente, na vida adulta.

Assiste-se, assim, a um acesso em massa ao sistema de ensino que, progressivamente, se irá alargando a todos os níveis constituintes do mesmo. Este movimento caracteriza os países mais desenvolvidos, acontecendo fundamentalmente no período pós 2ª Guerra Mundial, estando associada, em parte, a um crescente desejo de mobilidade social ascendente por parte das classes mais desfavorecidas, alicerçada nas ideias de igualdade, meritocracia e democratização do sistema de ensino, que permitiria independentemente da origem socioeconómica dos indivíduos, a oportunidade de ascender na estrutura social.

#### **4. Sucessos e insucessos Escolares**

A entrada na Universidade exige, muitas vezes, por parte dos alunos, adaptações tanto a nível pessoal, como social e académico a uma nova realidade. A transição do ensino secundário para o ensino superior implica, nomeadamente no que diz respeito às tarefas de ordem académica, a adopção de comportamentos adequados às novas exigências com que os alunos se deparam. É comumente aceite que a frequência universitária corresponde a uma fase muito importante no desenvolvimento do jovem adulto que, neste contexto, tem contacto com diversos factores que promovem novas aquisições e reestruturações pessoais. Assim sendo, Almeida (2001), “aponta as variáveis de natureza pessoal, interpessoal e institucional como determinantes no processo de adaptação e realização académica do estudante no ensino superior”, sendo esta falta de adaptação um factor promotor do insucesso escolar no ensino superior.

A educação centra-se sobretudo no desempenho dos jovens, nos seus resultados quantificáveis, na aquisição de conhecimentos e competências que os preparam para o mundo do trabalho e não tanto na aquisição de uma experiência de vida. A ideia de que a Universidade poderia contribuir para um crescimento emocional não é respeitada num contexto em que se dá primazia ao desempenho e às boas qualificações. Deste modo, frequentemente, os problemas relacionados com os

estudos ou mesmo o insucesso, tornam-se um meio pelo qual os jovens expressam o seu desconforto emocional.

#### **4.1. O que é o insucesso escolar?**

O drama do insucesso escolar é relativamente recente. É a partir dos anos sessenta que encontramos as suas primeiras manifestações. Foi então que se começou a exigir que as escolas, por razões económicas e igualitárias, encontrassem formas de garantir o sucesso escolar de todos os seus alunos. O que era atribuído até então ao foro individual, tornou-se subitamente um problema insuportável sob o ponto de vista social. A preguiça, a falta de capacidade ou interesse, deixaram de ser aceites como explicação para o abandono todos os anos de milhares e milhares de crianças e jovens do sistema educativo. A culpa do seu insucesso escolar passou a ser assumida como um fracasso da comunidade escolar. O sistema não fora capaz de os motivar, reter, fazer com que tivessem êxito. O desafio tornou-se tremendo, já que todos os casos individuais se transformaram em problemas sociais. A escola secundária era a menos preparada para a mudança. Durante séculos assumira como sua vocação hierarquizar os alunos de acordo com o seu rendimento escolar, seleccionando os mais aptos e excluindo os incapazes de acompanhar as exigências que ela mesma impunha. A sua nova missão era agora igualizar todos no sucesso educativo, sendo este o novo padrão que permitia aferir o sucesso de cada escola.

O insucesso escolar não é um conceito sociológico. Trata-se de uma categoria do discurso social e da prática escolar. O recurso à noção de insucesso marca um momento de transformação de sentido que os indivíduos tendem a dar a fenómenos já conhecidos.

Não se pode tomar o insucesso como uma realidade evidente para a qual basta procurar “causas” e “soluções”, há que reflectir sobre este fenómeno

Certamente que condutas e percursos escolares que não correspondem à norma institucional sempre existiram desde o surgimento da forma escolar. Já em finais do século XIX a escola foi confrontada com alunos desobedientes ou escolarmente medíocres. As categorias de pensamento e da prática pedagógica tratavam estes alunos como se a sua incapacidade para satisfazer as exigências disciplinares e/ou intelectuais da escola fossem atribuídas exclusivamente à sua constituição individual, ao seu carácter. As causas deste mau desempenho eram

colocadas fora da competência da escola (Isambert-Jamati in Hulheira, 1992). Um aluno tem sucesso, porque a escola assim o declara; ele “chumba”, porque a escola assim o determina. Tanto o sucesso como o insucesso são representações construídas pela escola, mais concretamente pelos professores e outros examinadores. São o produto da avaliação como prática regular da organização escolar e dos seus agentes, prática essa que está de acordo com procedimentos mais ou menos codificados, subentendidos por normas de excelência e de níveis de exigência institucionalmente definidos. Para que haja insucesso escolar basta que a instituição assim o declare.

## **4.2 O Porquê do insucesso escolar?**

Progressivamente, o insucesso escolar deixou de ser encarado como um problema isolado, da responsabilidade do aluno que não consegue transitar de ano, mas como um fenómeno social que atinge proporções cada vez mais significativas. Trata-se de um fenómeno com um carácter massivo e constante nos vários níveis de ensino “e presente nas instituições escolares de múltiplos países” (Benavente, 1980).

O ingresso no ensino superior é, para muitos jovens, o culminar de uma longa permanência no sistema educativo. As suas expectativas, os seus projectos futuros, são equacionados tendo em conta a frequência de um curso superior. Desta forma, a entrada na universidade é encarada como um período determinante na vida dos jovens que irá condicionar toda a sua vida futura. Contudo, após esta entrada, acontece frequentemente os jovens não conseguirem obter os resultados que esperavam, o que os leva a experimentar sentimentos de desilusão e frustração que acabam, por vezes, por os impossibilitar de ultrapassar esta situação.

Falar de insucesso é necessariamente falar de alunos que, ano após ano, não conseguem transitar para o nível seguinte ou, mesmo que o consigam, têm um aproveitamento baixo, deixando muitas disciplinas em atraso. Esta situação conduz a um prolongamento da frequência no ensino superior, chegando mesmo a situações extremas de abandono do curso e da escola.

O insucesso escolar atinge percentagens muito elevadas, que de modo algum podem ser ignoradas já que é um fenómeno constante nos vários graus de ensino e presente nas instituições escolares de múltiplos países.

A passagem do Ensino Secundário para o Ensino Superior caracteriza-se por enormes modificações de vida, bem como por novas exigências e responsabilidades

que são pedidas aos alunos. Trata-se de uma das fases mais importantes no ciclo de vida destes alunos e marca o final da escolaridade obrigatória e a entrada no mundo da adultícia, bem como a transição para o mundo do trabalho e da autonomia plena. Assim, este período de vida é muitas vezes acompanhado por sentimentos de alguma ambivalência, bem como por receios, ansiedades e apreensão.

Neste sentido, os dois primeiros anos de Faculdade podem ser vistos como essenciais pois neles encontramos a fase de adaptação à Universidade e esta revela-se essencial para que a desistência ou o chumbo não aconteçam.

Almeida in Gonçalves (2001) “aponta as variáveis de natureza pessoal, interpessoal e institucional como determinantes no processo de adaptação e realização académica do estudante no ensino superior”. Todavia, quando esta adaptação não se realiza positivamente, refere-se o problema do insucesso escolar no ensino superior.

#### **4.3. Factores associados ao sucesso e insucesso escolar**

A educação desde os tempos passados teve três funções importantes, a instrução (aquisição de conhecimentos), socialização (integração dos grupos) e estimulação que tem a ver com ao desenvolvimento integral da personalidade do aluno.

A teoria dos dotes individuais diz que o insucesso tem a ver com a inteligência e capacidades dos alunos, ela é hereditária, baseia-se nas medidas da inteligência. Aponta o aluno como responsável pelo seu sucesso/insucesso, a escola não está implicada.

A teoria do Handicap Sócio- Cultural, diz que o insucesso continua a deve-se ao aluno, mas esta diz respeito maioritariamente às desigualdades sócio- culturais. As crianças chegam à escola com diferentes “bagagens” sócio-culturais, devido às boas condições de vida ou às más práticas educativas das famílias, pobreza ou riqueza do seu ambiente cultural e experiência vivida e natureza dos estímulos necessários para o desenvolvimento cognitivo.

A corrente sócio- institucional aponta o aluno como o “responsável pelo sucesso/insucesso, afastando qualquer hipótese relacional em que a própria escola estivesse implicada.

Esta não considera apenas a necessidade de compensar o handicap fora da escola, mas também de intervir na própria instituição, parte-se do princípio que os alunos de meios sociais menos favorecidos precisam de mais tempo para se colocarem em pé de igualdade com os alunos mais favorecidos socialmente.

#### **4.4 A função da Universidade no combate ao Insucesso Escolares**

Nos últimos tempos, algo tem alterado o panorama geral do ensino superior em Portugal. O aumento do número de estudantes a frequentarem o ensino superior, tem trazido alguns problemas que deverão ser resolvidos.

Para combater o insucesso escolar nas universidades, esta terá de pensar em novas premissas de entrada, seja notas mínimas, sejam mecanismos de preparação ou reencaminhamento para outras estruturas de ensino. Assim, para além de notas mínimas em termos de exames nacionais, o melhor seria pensar em exames de admissão específicos a cada Faculdade, bem como em notas mínimas em certas áreas de saber que sejam essenciais para o curso escolhido. Por último, poder-se-iam pensar em entrevistas de selecção, não no sentido discriminatório ou elitista, mas sobretudo no sentido de perceber a adequação do curso ou não àquele aluno em particular, bem como o seu percurso académico (via profissionalizante, via de ensino normal, cursos que possui, etc.). Nos casos em que a avaliação considerasse não ser aquela a melhor opção, poderiam ser apresentadas alternativas, como cursos de especialização tecnológica ou outros cursos do Ensino Superior da Universidade ou do Politécnico ou, melhor ainda, um programa de estudos especializado e personalizado, de modo a colmatar as falhas existentes, isto é, anos preparatórios de entrada para determinado curso ou Faculdade.

A OCDE (1987) afirma que a Universidade além de providenciar educação pós-secundária, investigar e desenvolver novos conhecimentos, deverá: “fornecer as qualificações necessárias à sociedade; desenvolver actividades de formação altamente especializada; reforçar a competitividade da economia; funcionar como um filtro de selecção para empregos altamente exigentes; contribuir para a mobilidade social; prestar serviços à comunidade; funcionar como paradigma de políticas de igualdade e preparar os líderes das gerações futuras”.

Em jeito de conclusão de toda a revisão da literatura, tenho a retirar como pertinente para o estudo e de acordo com a temática em estudo que, a herança cultural adquire um papel fundamental e central no acesso às diferentes oportunidades que constituem o ensino superior. Todo o indivíduo desde a sua essência, no decorrer da sua escolaridade terá de passar por inúmeros condicionalismos, estes que na sua maioria dependem da classe social ao qual este pertence, e onde terá diferentes obstáculos na vida para poder exercer uma futura profissionalização.

O estabelecimento de ensino por onde o indivíduo passar, no decurso da sua formação educacional, será de igual modo um condicionalismo na obtenção do sucesso do mesmo, pois é a escola que é a própria indutora do sucesso do aluno.

Os estudos sociológicos ressaltam a importância do grupo social pertencente à família para a vida escolar dos filhos. Referenciando-se em Bourdieu, Bourguignon (1977) afirma que o extracto social a que pertence a família intervém no êxito e na orientação escolar dos filhos por meio de factores concretos como a atmosfera intelectual da família, a estrutura da língua falada, o acesso aos bens culturais, a atitude desenvolvida em relação à escola e o custo financeiro máximo dos estudos que a família pode vir a suportar. Porém, embora a origem social da família determine, em grande parte, a trajectória escolar do indivíduo, a transmissão dos capitais das famílias somente se efectiva mediante condições propícias. Torna-se necessário a implicação do “herdeiro” no trabalho de incorporar o capital cultural familiar disponível. De facto, são diversos os factores intervenientes no processo de escolarização de uma criança.

## PROBLEMÁTICA EM ESTUDO

O objectivo deste estudo é o de verificar qual o nível de empregabilidade dos nossos licenciados, assim como das saídas profissionais para, de modo a contribuir para a reflexão da entidade formadora sobre o seu percurso passado com vista ao percurso futuro, permitindo-lhe uma visão mais esclarecida a partir das condicionantes sociais, culturais e económicas dos licenciados que fazem parte do objecto de estudo.

Para os alunos, a importância deste estudo não é menor, pois possibilita o seu contributo na reflexão da melhoria deste estabelecimento de ensino.

Através da definição do perfil social, analisando o nível cultural e social das famílias dos licenciados, tenta-se relacionar este e o sucesso ou insucesso escolar.

Pretende-se descobrir também quais as dificuldades, motivações, expectativas e o grau de satisfação relativamente à sua trajectória escolar, nomeadamente referente à FCDEF- UC.

Sendo assim será analisado o problema do estudo, este que diz respeito ao estudo da influência das dimensões da origem social e da trajectória profissional na empregabilidade dos licenciados em Educação Física pela FCDEF-UC.

Uma vez que se estuda o perfil social e trajectória escolar dos licenciados, há necessidade de se encontrarem formas do nosso sistema educativo intervir positivamente para assim, modificar todas as lacunas evidentes neste mesmo sistema educativo para poder promover a igualdade de oportunidades entre as diferentes classes sociais.

A nosso ver, os dados recolhidos neste estudo, irão servir para se poder projectar uma possível futura evolução Universitária, num contexto isolado e nas relações com a sociedade onde esta se insere.

## CAPÍTULO III- METODOLOGIA

### 1. Caracterização da Amostra

Foram enviados os questionários a todos os alunos que efectuaram todo o seu percurso académico superior na Licenciatura da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, concluindo a referida licenciatura nos anos lectivos de 2005/2006.

Procurou-se realizar um estudo com um número o mais representativo possível de licenciados, já que na análise de um fenómeno social, como o que se trata na presente investigação, dificilmente se consegue inquirir o universo que se pretende analisar.

Assim, foram contactados 47 sujeitos de forma a actualizar a respectiva morada electrónica.

Posteriormente, e após a revisão do questionário, este foi enviado via Internet para 47 dos contactados, dos quais obtivemos 21 respostas válidas (contabilizadas até dia 5 de Abril, prazo limite da recepção dos questionários).

#### Quadro III.1

Constituição da amostra

	Inquéritos enviados		Inquéritos recebidos		*
	N	%	N	%	%
Masculino	29	61,70	11	52,40	37,90
Feminino	18	38,30	10	47,60	55,60
Total	47	100	21	100	-

\*Rácio (em percentagem) do número de questionários recebidos relativamente ao número de questionários enviados

Observando o Quadro III.1, verificamos que a amostra é constituída 21 indivíduos, representando 31,8% do universo. Destes 61,7% são do género masculino e 38,3% do feminino. Em termos percentuais, no ano em estudo 2005/2006 existe maior percentagem de rapazes a terminar o curso do que raparigas o que se reflectiu nos inquéritos enviados.

Em Malaínho (2003), o número de questionários recebidos foi bastante superior ao nosso estudo, assim como o número de licenciados. Isto também se



poderá explicar pelo facto de apenas este estudo contemplar um ano lectivo, por isso influencia um pouco a análise de dados.

## 2. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Para a concretização deste trabalho de investigação, de modo a concretizar os objectivos traçados anteriormente, adoptamos as seguintes metodologias:

Actualização do inquérito retirado do ODES (2002) e posteriormente adaptado à realidade em estudo de Malaínho (2003), Chorão (2003) e Costa (2003), análise documental; aplicação do questionário e análise estatística dos dados obtidos.

O objectivo primordial desta investigação, foi verificar qual o nível de empregabilidade dos licenciados da instituição FCDEF-UC, ou seja, todos aqueles que iniciaram e concluíram as suas licenciaturas nos anos 2005/2006, e se havia, ou não, matéria para se continuar a trabalhar neste âmbito, perspectivando assim a dimensão do trabalho a realizar e determinar possíveis obstáculos e soluções que viabilizem a mais fácil consecução desta investigação.

Assim através da auscultação via telefone, foi então possível conhecer os seus contactos electrónicos e verificar se estes poderiam responder ao inquérito e por sua vez fazerem parte da nossa investigação.

O questionário foi enviado através da Internet aos diplomados contactados previamente por telefone, para sabermos, inicialmente, da disponibilidade dos indivíduos em responderem e, nos casos afirmativos, do seu endereço electrónico. Esta alteração em relação ao estudo realizado anteriormente por Malaínho (2003), Chorão (2003) e Costa (2003), prendeu-se com a tentativa de otimizar o número e tempo de resposta aos inquéritos enviados.

O questionário é constituído por 4 dimensões consideradas fundamentais para a análise do percurso sócio-profissionais dos diplomados: origem social, trajectória escolar, trajectória profissional e representações e expectativas dos licenciados em termos do percurso educativo e profissional. Porém, o presente estudo apenas contempla as dimensões da origem social e da trajectória profissional.

## 2.1. Inquérito por questionário

O questionário é um dos instrumentos de pesquisa, que metodologicamente tem a vantagem de recolher dados homogêneos úteis para um tratamento estatístico. Como qualquer instrumento de pesquisa, deve-se adaptar ao objecto sociológico que irá analisar. “...constitui a técnica mais económica para apreender os comportamentos normalizados, cujos processos rigorosamente regulados são altamente previsíveis e podem, por conseguinte, ser aprendidos graças à observação sistemática ou à interrogação atenta...” (Lima, M.1995).

O inquérito por questionário corresponde ao mais estruturado e rígido dos tipos de entrevista. É uma técnica adequada ao estudo extensivo de grandes conjuntos de indivíduos, por sondagem duma amostra representativa, pois um questionário dispensa a presença do autor do estudo, não sendo necessária comunicação oral entre o inquiridor e inquirido. No entanto, com a presença do inquiridor podem surgir factores que podem perturbar a validade dos resultados obtidos, devido a *mecanismos inconscientes de defesa* (fuga, racionalização, introspecção, recalcamento e esquecimento selectivo); ou dissimular a verdade devido a certos problemas melindrosos (sexuais, religiosos, políticos e económicos).

A utilização deste instrumento teve como objectivo recolher e conhecer as suas opiniões e atitudes acerca do perfil social e trajectória escolar dos licenciados que concluíram o curso em 2005/2006 na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Este inquérito foi baseado num outro já aplicado e devidamente validado numa investigação semelhante, denominado “Inquérito de Percurso dos Diplomados do Ensino Superior em 2001”, realizado pelo Instituto para a Inovação na Formação (2002b), cujas alterações, quer na exclusão ou acréscimo de questões, ou modificação de outras, relativizaram-se com o verdadeiro objectivo do nosso trabalho. As alterações feitas procuram sempre que este inquérito não perdesse a sua integridade e fiabilidade. O inquérito respondido pelos licenciados, objecto deste estudo, encontram-se em anexo. (Anexo 1).

Deste modo, no que concerne ao Perfil Social, as questões do inquérito por questionário dividem-se pela caracterização do individuo, ano de término do curso, mudança de residência na frequência do ensino superior, composição do agregado

familiar, condição do cônjuge ou companheiro (a) perante o trabalho, nível de escolaridade dos pais ou cônjuge, condição perante o trabalho.

Quanto à trajectória escolar as questões centram-se no percurso no ensino superior até obtenção da Licenciatura: tipo de estabelecimento frequentado no ensino secundário, em que concelho o frequentou, habilitação de acesso ao ensino superior, nota de candidatura, ano e a referida modalidade de acesso. O decurso do processo formativo académico centra as suas questões em se o curso escolhido foi a primeira opção, se a conclusão do curso foi realizada no tempo previsto oficialmente, razões de não ter concluído o curso no tempo curricular mínimo, se trabalhou durante o curso, a média final de curso, as principais razões que levaram a ingressar no curso analisado, as razões do ingresso na faculdade acima referida, qual a posição hoje face as escolhas no passado, qual o curso e qual o estabelecimento de ensino que optaria se pudesse candidatar.

No campo da formação extra-curricular as questões centram-se essencialmente na formação complementa no decurso da formação académica, nomeadamente, se essa formação foi efectuada em Portugal ou no Estrangeiro e que tipo de formação foi realizada. Para finalizar perguntamos através de uma escala de importância de que forma a formação profissional é essencial na inserção profissional.

Apresentamos no capítulo seguinte o tratamento e análise de dados referentes ao questionário acima referenciado.

### **2.3. Características do inquérito relativo às dimensões da origem social e da trajectória escolar**

O inquérito, de carácter retrospectivo e de administração indirecta (via Internet), teve por base, como já referimos anteriormente, o inquérito aplicado no estudo relativo aos diplomados nos anos lectivos de 2005/2006.

O inquérito contempla quatro dimensões consideradas como fundamentais para a análise dos percursos sócio- profissionais dos diplomados: Origem Social, Trajectória Escolar, trajectória Profissional e Representações e expectativas dos licenciados em termos do percurso educativo e profissional. Este estudo, reporta-se unicamente às dimensões perfil social e trajectória escolar.

Relativamente ao grupo de questões referentes ao perfil social, estas têm por objectivo caracterizar os sujeitos a nível pessoal, familiar, social, económico e cultural. O grupo é constituído por 10 questões, organizadas em 4 subconjuntos:

- Caracterização do indivíduo;
- Nível de escolaridade dos pais e do cônjuge;
- Condições dos pais perante o trabalho;
- Situação dos pais na profissão.

Por outro lado, o grupo de questões relativas à trajectória escolar, tem por objectivo descrever o percurso escolar dos indivíduos inquiridos até ao término da sua licenciatura bem como a sua formação complementar e pós académica.

O grupo é constituído por 22 questões organizadas em três grandes grupos:

- Percurso no Ensino Superior até à obtenção da licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física;
- Formação extra- curricular;
- Formação académica pós- diploma do Ensino Superior.

### **1.3. Análise e Tratamento de Dados**

Os dados obtidos através da aplicação do Questionário relativo ao perfil Social e Trajectória Escolar dos Licenciados foram tratados por meio do software específico para o efeito através do programa “ *Statistical Program for Social Sciences*” – SPSS) versão 15.0 © 2004 SPSS, Inc. e o Microsoft Office Excel 2003.

Foram elaborados quadros de apuramento, de forma a agrupar toda a informação relativa aos inquéritos, os quais apresentamos em anexo de forma a não sobrecarregar o corpo de trabalho.

As técnicas utilizadas foram a estatística descritiva na qual apresentamos o cálculo dos vários parâmetros estatísticos descritivos de modo a podermos organizar e analisar os dados relativos à amostra, recorrendo às tabelas de frequência e respectivos valores percentuais.

## CAPÍTULO IV- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão tratados os dados que foram recolhidos através de um questionário enviado por correio-electrónico para os licenciados.

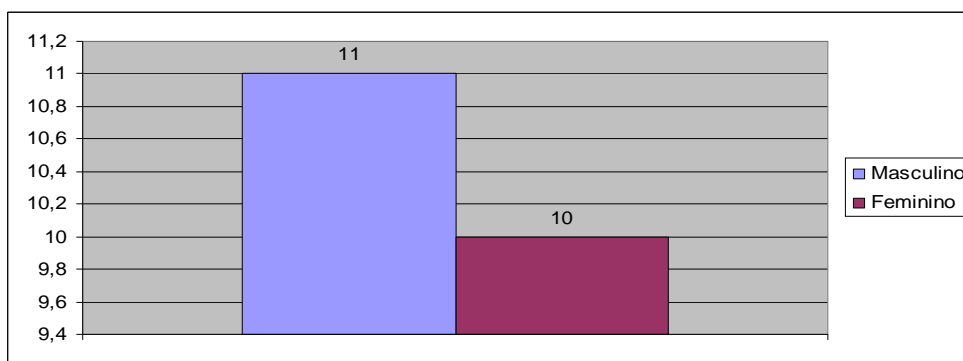
### 1. PERFIL SOCIAL

A amostra, como já foi referido anteriormente, é constituída por 21 Licenciados que iniciaram e terminaram o ensino na FCDEF-UC, isto é, os alunos que estiveram sempre matriculados neste estabelecimento de ensino até ao término do seu curso.

Compete-me assim apresentar os dados relativos ao perfil social e trajectória escolar dos licenciados.

#### Gráfico IV.1

Diplomados segundo o género



No gráfico IV.1, apresenta os valores relativos à frequência e percentagem do ano em que terminaram a licenciatura.

Podemos aferir que em 21 inquiridos, o sexo masculino apresenta a maioria face à conclusão da licenciatura na amostra em questão, com 11 licenciados, comparativamente ao sexo feminino que apresenta uma percentagem inferior de 48%, equivalente a 10 licenciados.

Em Malaínho (2003), que estuda os anos 2000, 2001, 2003, denota-se que de ano para ano o número de licenciados do sexo masculino aumenta de ano para ano, exclusive no ano 2001 que diminuiu de 11 para 9, mas no ano 2003 existe novamente o aumento do número de licenciados do sexo masculino para 20.

No ano em estudo 2005/2006, já existe maior proximidade do número de licenciados de ambos os sexos, mas o sexo masculino continua em superioridade.

Após estes resultados será importante deixar uma questão em aberto se o facto do sexo masculino apresentar superioridade, terá haver ou não com o curso em questão.

#### **Quadro IV.1**

Idade dos licenciados

<b>Idade dos inquiridos</b>	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
<b>23</b>	4	19,05
<b>24</b>	12	57,14
<b>25</b>	4	19,05
<b>26</b>	1	4,76
<b>Total (N)</b>	21	100

No quadro IV.1 apresenta as idades dos licenciados inquiridos e constata-se, pela observação do mesmo, que a maioria dos licenciados terminaram o curso com 24 anos, com uma percentagem de 57,14%.

Podemos constatar que a larga maioria dos licenciados concluiu o curso no tempo curricular mínimo (4 anos).

Na monografia de Malaínho (2003), a idade que maior frequência apresenta é os 25 anos, isto em 2000, em 2001 é a idade 24 com maior frequência e no ano 2002 é a idade 23, isto é, de ano para ano os licenciados acabam o curso cada vez mais cedo, o que de certa forma poderá induzir maior sucesso escolar e maior facilidade em acabar o curso.

No ano de estudo 2005/2006, é aos 24 anos que a maioria dos licenciados terminam o curso, e comparando os dados do ano 2003, há uma subida na idade de término do curso, mas não significativa.



## Quadro IV.2

Mudança de Residência

	Frequência (N)	Percentagem (%)
<b>Sim</b>	19	90,47
<b>Não</b>	2	9,52
<b>Total</b>	21	100

No quadro, acima apresentado, dá-nos a conhecer quantos licenciados tiveram que mudar de residência no decorrer do seu percurso académico. Podemos observar que num total de 21 licenciados inquiridos, a esmagadora maioria (N= 19; %= 90,52) teve que mudar de residência. Este facto pode ser propiciador do insucesso escolar, pois uma vez que existe a mudança de espaço geográfico, poderá provocar instabilidade nos mesmos em questões de adaptação. Os encargos extra de mudança de residência, podem levar ao aluno ter que desempenhar uma actividade remunerada, para suportar os custos, tendo que conciliar os estudos com esta.

No estudo de Malaínho (2003), a maioria dos licenciados 66,04% responde que mudaram de residência, o que também é verificável no nosso estudo em maior proporção, uma vez que apenas temos um ano lectivo em estudo.

## Quadro IV.3

Concelho para onde mudaram

Concelho	Frequência (N)	Percentagem (%)
<b>Coimbra</b>	20	95,23
<b>NS/NR</b>	1	4,76
<b>Total</b>	21	100

Relativamente ao concelho para onde mudaram (quadro IV.1) verifica-se que o local onde frequentaram o curso é predominantemente o local escolhido para residir.

Assim, refira-se que 95,23% dos inquiridos que mudaram de residência, fizeram-no para o Concelho de Coimbra, havendo apenas 1 que não respondeu. O mesmo é verificável na monografia de Malaínho (2003), em que a maioria dos licenciados escolhem mudar para o concelho de Coimbra, uma vez que este é o

concelho mais próximo da FCDEF-UC e por sua vez acarreta menores custos financeiros aos mesmos.

#### **Quadro IV.4**

Estado civil

<b>Estado civil</b>	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
<b>Solteiro</b>	19	90,47
<b>Casado/União de facto</b>	2	9,52
<b>Total</b>	21	100

No quadro acima apresenta-nos o estado civil dos licenciados, verificando-se que 19 deles (90,47%) são solteiros e 2 são casados ou vivem em união de facto (9,52%).

Na monografia de Malaínho (2003), também a maioria dos licenciados é solteiro, isto poderá explicar-se pelo facto de os licenciados após as licenciatura não obterem um emprego com horário completo, e assim não terem poder económico para exercer uma vida a dois.

#### **Quadro IV.5**

Grupo doméstico

	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
<b>Vive sozinho</b>	2	9,50
<b>Vive com o pai/padrasto</b>	11	52,40
<b>Vive com a mãe/madrasta</b>	2	9,50
<b>Vive com o cônjuge/companheiro</b>	4	19,00
<b>Vive com amigos</b>	2	9,50
<b>Total</b>	21	100

No que se refere ao grupo doméstico (gráfico IV.5), os resultados são bastante diversos embora se destacam dois campos. Dos licenciados inquiridos, (11) vive com o Pai / Padrasto e (2) dos licenciados vivem ou sozinhos, ou como Mãe/ Madrasta ou com amigos.

Pode-se afirmar que 38% dos licenciados já não vivem com os pais o que pode demonstrar uma facilidade na aquisição de uma situação laboral.

Embora no Quadro IV.4 sejam referidos apenas 2 licenciados casados ou em união de facto, apenas 4 referem viver com o cônjuge ou companheiro, embora esta presunção seja meramente especulativa, esta discrepância poderá ser justificada pela instabilidade da vida de um professor, que está à mercê de um concurso que pode colocar o licenciado longe do seu grupo doméstico habitual.

Em comparação com os resultados obtidos por Malaínho, apesar da amostra deste ano ser reduzida os resultados mostram que há uma diminuição da percentagem de licenciados que já não vivem com os pais, isto poderá significar, que há uma tendência dos licenciados saírem de casa dos pais mais tarde.

Estes resultados comprovam que grande parte dos licenciados vivem com a sua família de origem, sendo que somente uma pequena margem deles vivem ou sozinhos ou com amigos. Assim demonstra-se que cada vez mais tarde as pessoas abandonam o seu agregado familiar de origem, face as próprias dificuldades de manter uma situação laboral estável, ou mesmo pelas próprias dificuldades económicas em tornar-se independente da sua família de origem.

## Quadro IV.6

Escolaridade dos pais/ Cônjuge

Nível de escolaridade	Pai		Mãe		Cônjuge	
	N	%	N	%	N	%
1º Ciclo do Ensino Básico	9	42,9	9,0	42,90	0	0
2º Ciclo do Ensino Básico	1	4,80	2,0	9,50	0	0
3º Ciclo do Ensino Básico	4	19	4,0	19	0	0
Ensino Secundário complementar ou equivalente- 10/11º ano	3	14,30	3,0	14,30	1	12,50
12º ano, propedêutico ou equivalente	1	4,80	1,0	4,80	1	12,50
Bacharelato	1	4,80	0,0	0	1	12,50
Licenciatura	2	9,50	1,0	4,80	4	50,00
Mestrado	0	0	1,0	4,80	1	12,50
Total	21	100	21,0	100	8	100

O Quadro IV.7 representa o nível de escolaridade do pai, mãe e conjugue/ companheiro(a) dos inquiridos.

Relativamente à escolaridade do pai, a maioria deles (42,90%) situa-se no 1º Ciclo do Ensino Básico. Apenas (4,80%) têm o 2º Ciclo do Ensino Básico e (19%) possuem o 3º Ciclo do Ensino Básico.

Com uma percentagem um pouco inferior, (14,30%) possuem como habilitações literárias o equivalente ao 10ºano ou 11º ano e apenas (4,80%) o 12ºano de escolaridade.

Com uma percentagem igual de (4,80%) possui um bacharelato e (9,50%) possui licenciatura.

Numa percentagem nula, (0%), apresenta o mestrado e doutoramento.

No que diz respeito à escolaridade da mãe, a maioria (42,90%) possui o 1º Ciclo do Ensino Básico e (9,50%) possui o 2º Ciclo do Ensino Básico.

Quanto ao nível de 3º ciclo do ensino básico, é apresentado (19%) das mães, sendo uma percentagem igual à dos pais.

No nível do 10º e 11º anos temos (14,30%) e com o 12º ano de escolaridade temos apenas (4,80%) das mães.

Num patamar mais alto, e comparativamente aos pais, as mães apresentam um valor percentual inferior (0%).

Ao nível de escolaridade dos conjugues existe uma percentagem nula nos níveis não superiores de ensino, exceptuando no 12º ano de escolaridade que apresenta um valor percentual de (12,50%), correspondente a um licenciado.

No nível Bacharelato apenas 1 com (12,50%) apresenta este grau de ensino bem como no nível de ensino Mestrado apresenta os mesmos valores.

Na licenciatura é apresentado um valor percentual de (50%), correspondente a 4 licenciados.

Estes valores referentes à escolaridade do conjugue são para nós estranhos, uma vez que 16 dos inquiridos responderam a questões relativas à escolaridade do conjugue, quando apenas 2 afirmaram estar em situação de casado/ união de facto.

Sendo assim estes valores, poderão ser explicados se os inquiridos atribuíram o termo “cônjuge” também aos seus companheiros ou namorados.

Estes resultados apontam o nível cultural dos pais e conjugues dos licenciados da amostra para um nível médio/alto, que se relacionará com a constatação geral de que a população universitária é um subconjunto representativo de uma elite privilegiada advinda das selecções ocorridas durante o percurso escolar, e que no final, tendencialmente, chegam em maior número os indivíduos pertencentes a classes sociais mais elevadas.

### Quadro IV.7

Condição dos pais/ Cônjuge perante o trabalho

	Pai		Mãe		Cônjuge	
	N	%	N	%	N	%
<b>Empregado</b>	19	90,48	12	57,10	9	100
<b>Reformado</b>	1	4,76	0	0	0	0
<b>Doméstico</b>	0	0	7	33,30	0	0
<b>Outra</b>	0	0	2	0	0	0
<b>NS/NR</b>	1	4,76	0	9,50	0	0
<b>Total</b>	21	100	21	100	9	100

No que diz respeito à condição dos pais/ cônjuges perante o trabalho (Quadro IV.8), verificamos que (90,48%) dos pais e (57,10%) das mães se encontram empregados, ao passo que da totalidade dos cônjuges/ companheiros, (100%) estão empregados.

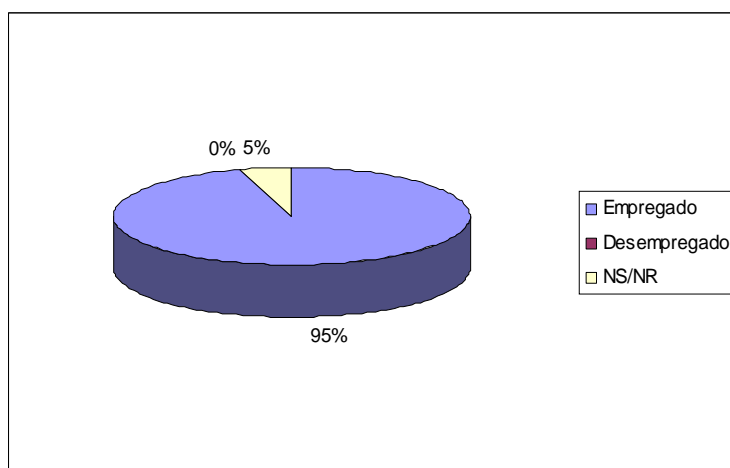
Isto poderá denotar mais uma vez a tendência que os licenciados têm em ficar em casa dos pais até mais tarde, pois dão-lhe maior segurança a nível económico de acordo com o futuro profissional.

Na monografia de Malaínho (2003) a empregabilidade é a condição que maior valor percentual apresenta, isto que poderá significar que uma situação favorável aos licenciados ao sucesso escolar.

### *1.2.Situação dos Diplomados face à actividade*

#### **Gráfico IV.2**

Situação dos diplomados face à actividade



Através da análise do Gráfico IV.3, este que diz respeito à situação dos diplomados face à actividade na situação actual e nos seis meses após obtenção do curso.

Devo referir desde já, que os dados referentes aos seis meses são iguais aos dados relativos à situação actual, ou seja, 95% dos licenciados responderam estar empregados e apenas 5% dos licenciados respondem que “NS/NR”.

## Quadro IV.8

Profissão principal dos diplomados inquiridos

	Frequência (N)	Percentagem (%)
<b>Professor</b>	14	66,67
<b>Instrutor</b>	2	9,52
<b>Técnico Superior de Desporto</b>	2	9,52
<b>Monitor de Natação</b>	1	4,76
<b>NS/NR</b>	2	9,52
<b>Total</b>	21	100

No que diz respeito à principal profissão dos diplomados inquiridos observamos pela análise do Quadro IV.10, a profissão predominante é professor.

De seguida as profissões mais predominantes são Instrutor e Técnicos de Superior de Desporto com uma valor percentual de (9,52%) em dois licenciados cada, ainda não esquecendo os que responderam NS/NR.

A profissão monitor de natação aparece com um valor percentual inferior de (4,76%) em apenas um licenciado.

Uma vez que no inquérito enviado houve algumas limitações, a resposta a “Professor” é um pouco limitadora pois não sabemos se este está efectivamente a leccionar nas escolas públicas ou não.

Como professor poderão existir um leque bastante variado de profissões. Daí podemos constatar que, pela saturação do mercado de trabalho, mais particularmente da via de ensino, obriga os licenciados a procurar emprego noutras áreas, conduzindo por vezes, a um desajustamento qualitativo, ou seja, as qualificações da população diplomada não se encontram ajustadas às necessidades reais do mercado de trabalho.



## 2. TRAJECTÓRIA ESCOLAR

### Quadro IV.9

Tipo de estabelecimento do Ensino Secundário frequentado pelos licenciados

	Frequência (N)	Percentagem (%)
<b>Público</b>	18	85,70
<b>Privado</b>	3	14,30
<b>Total</b>	21	100

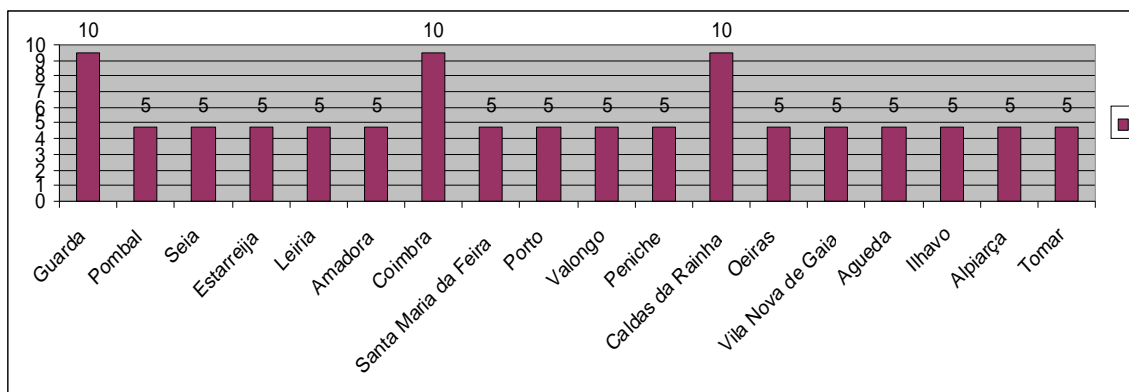
No quadro (IV.11) verifica-se que numa amostra total de 21 inquiridos apenas 3 frequentaram o ensino privado, correspondente a um valor percentual de (14,30%), em que os restantes 18 licenciados frequentaram o ensino público, (85,70%).

Poderei afirmar que em Monteiro (2006), o mesmo não se verificou pois todos os inquiridos responderam ter frequentado o ensino público, aqui apenas 3 licenciados recorreram a um estabelecimento de ensino privado.

A escolha do estabelecimento de ensino secundário ser na sua maioria “público” pode induzir a pertença dos pais a uma classe média/alta, uma vez que os custos de acesso de um estabelecimento de ensino privado serem bastantes superiores aos do público, daí a minha inferência.

### Gráfico IV.3

Localidade onde o Licenciado terminou o Ensino Secundário



No gráfico acima podemos visualizar qual a localidade em que os licenciados frequentaram o Ensino Secundário.

A maior representatividade está nos concelhos de Guarda, Coimbra e Caldas da Rainha (10%), aparecendo depois os concelhos de Pombal, Seia, Estarreja, Leiria, Amadora, Santa Maria da Feira, Porto, Valongo, Peniche, Oeiras, Vila Nova de Gaia, Águeda, Ílhavo, Alpiarça e Tomar, com (5%) em um Licenciado.

#### **Quadro IV.10**

Habilitação de Candidatura ao ensino Superior

	Frequência (N)	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada
12º Ano, via ensino	21	100	100

No quadro IV.12, mostra que todos os inquiridos acederam ao Ensino Superior com o 12º ano, via Ensino.

O facto de não haver outro tipo de habilitações detectadas, poderá significar que os alunos que seguem outras vias se destinam a outros sistemas, com destaque para o emprego.

Na monografia de Malaínho (2003), também a maioria dos licenciados diz ter acedido ao ensino superior com o 12ºano, via Ensino, mas neste apenas um licenciado refere ter acedido com o 12ºano, via profissional.

### Quadro IV.11

Modalidade de Acesso ao Ensino Superior

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Concurso Nacional - Geral	21	100

Como se pode verificar no quadro IV.13, o número total de inquiridos tiveram como modalidade de acesso ao Ensino Superior o Concurso Nacional - Geral.

Dos 21 Licenciados todos responderam que a modalidade de acesso ao ensino superior foi o “Concurso Nacional- Geral.”

Este concurso Nacional, pode-se dividir em duas modalidades: Concurso Geral; Contingente: Regiões Autónomas.

Como já foi referido atrás, a mudança de residência e a distância do lar poderá ser desestabilizadora provocando, muitas das vezes, o insucesso escolar.

### Quadro IV.12

Nota média de Candidatura ao FCDEF-UC segundo o género

	Masculino	Feminino	Total
10 a 12	0	1	1
13 a 14	7	6	13
15 a 16	3	3	6
NS/NR	1	0	1
Total	11	10	21

No quadro IV.14, podemos ver a flutuação da nota média de candidatura ao FCDEF-UC de acordo com o género.

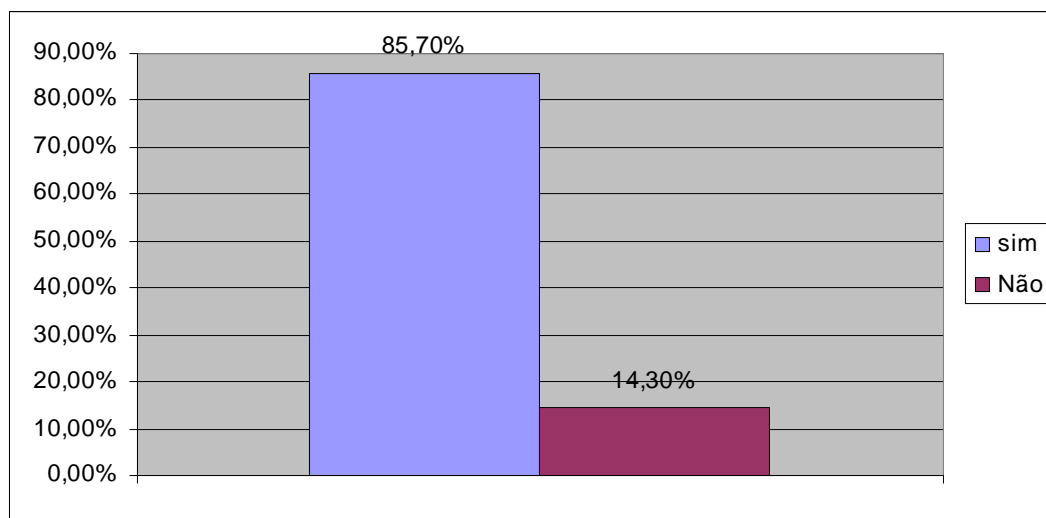
Podemos então desde logo observar que as notas médias de candidatura rondam tanto no género masculino como no Feminino, entre o 13 e o 14, mas com uma superioridade de apenas um licenciado masculino.

Olhando para as notas médias de candidatura, máximas e mínimas, verifica-se que os valores do sexo masculino são superiores aos femininos neste ano de estudo.

De acordo com literatura, apesar de o sexo feminino na maioria das vezes apresentar valores superiores nos resultados escolares, nestes é evidente que o sexo masculino apresenta uma média final de curso superior ao sexo feminino.

#### Gráfico IV. 4

Escolha da FCDEF-UC como primeira Opção



Apresentamos de seguida o ano da primeira candidatura ao Ensino Superior (Gráfico IV.5).

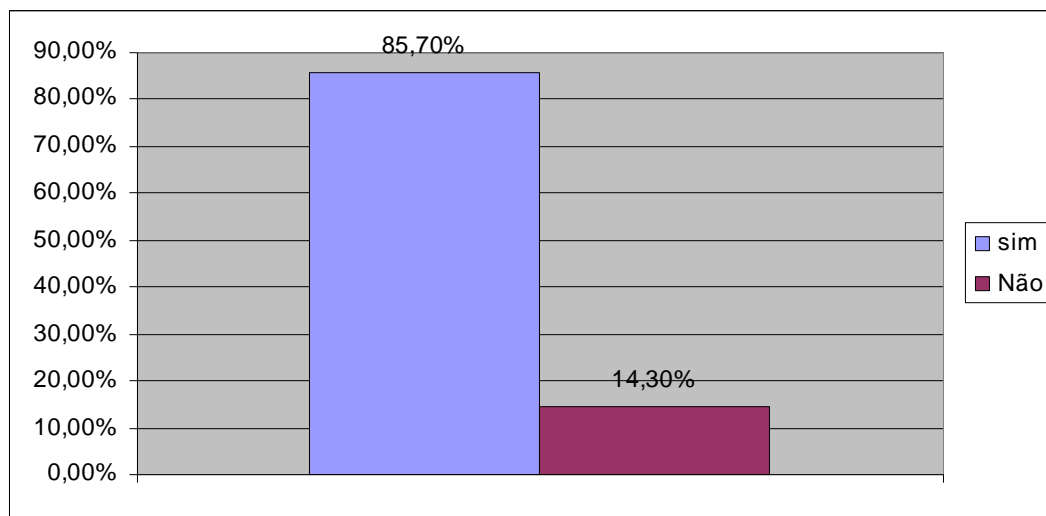
Verificamos que perante os dados apresentados que a percentagem superior (85,7%) respeitante a 18 licenciados dizem que a primeira opção foi o FCDEF-UC.

Os restantes (14,3%), respondem “não” à escolha da FCDEF-UC com primeira opção de candidatura.

Tendo em linha de conta que o elevado número de licenciados que escolheu este curso como primeira hipótese, poderá significar que existe um incremento nos factores motivacionais promovendo, por sua vez, o sucesso escolar.

### Gráfico IV.5

Conclusão do curso no tempo curricular mínimo



O gráfico IV.6 apresenta-nos valores relativos à questão sobre a conclusão do curso foi efectuada no tempo curricular mínimo.

È observável que (85,7%) correspondente a 18 licenciados terminaram o curso no tempo curricular mínimo, isto poderá transmitir que houve sucesso escolar pois a maioria dos licenciados inquiridos responderam que “Sim”, e apenas 3 dos licenciados (14,30%) não acabaram o curso no tempo curricular mínimo.

### Quadro IV.13

Razões para não ter terminado o curso no tempo curricular mínimo

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Teve de cumprir serviço militar obrigatório durante o curso	1	5
Teve dificuldade em ter aproveitamento numa/num conjunto de disciplinas	1	5
Outra	1	5
NS/NR	18	86
Total	21	100

No quadro IV.15, os licenciados apresentam as razões principais para não ter terminado o curso no tempo curricular mínimo, e que apenas um (5%) dos

licenciados respondeu que a razão por não ter terminado foi pelo facto de ter de cumprir serviço militar obrigatório. Apenas um (5%) dos licenciados respondeu que “ Teve dificuldade em ter aproveitamento numa/num conjunto de disciplinas, e igualmente um licenciado (5%), responde como sendo “ outra” a razão de não ter terminado o curso.

Através da análise destes resultados, podemos concluir que ao desempenharem outras actividades, quer profissionais, quer extracurriculares, interfere em muito como o empenho na vida escolar, podendo levar ao insucesso escolar.

Uma vez que a larga maioria acabou o curso no tempo curricular mínimo, as razões apontadas não serem significativas.

#### **Quadro IV.14**

Razões para o ingresso neste curso

	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
<b>Por ser um curso com Prestígio</b>	4	19
<b>Pela estrutura curricular do curso</b>	3	14
<b>Por ser um curso essencialmente prático</b>	5	24
<b>Por ser um curso com várias saídas profissionais</b>	13	62
<b>Por ser um curso com boas saídas profissionais</b>	3	14
<b>Por já ter trabalhado em áreas afins</b>	17	81
<b>Por ser um curso que permitia a aquisição de conhecimentos na sua área de interesse</b>	2	10
<b>Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão útil</b>	18	86
<b>Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão bem remunerada</b>	5	24
<b>Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão que lhe deixasse tempo livre</b>	2	10
<b>Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão com prestígio social</b>	2	10
<b>Por ser um curso com tradição na família</b>	3	14
<b>Por ser um curso que lhe permitia impor a sua vontade perante a família</b>	1	5
<b>Por ser um curso para o qual tinha média suficiente para entrar</b>	5	24
<b>Outra</b>	1	5
<b>NS/NR</b>	2	10
<b>Total</b>	86	410

O quadro VI.16, apresenta as razões para o ingresso no curso acima já referenciado. Assim, no ano 2005/2006, a maioria dos licenciados (86%) referem que escolheram o curso que permitia desempenhar uma profissão útil. Em segundo plano temos (81%) que justificam que a sua escolha se deve aos diplomados já terem trabalhado em áreas afins, seguido dos que referem que este poderá ser um curso com várias saídas profissionais.

A razão apresentada em menor percentagem foi “Por ser um curso que lhe permitia impor a sua vontade perante a família”, em apenas um licenciado e “Outra” também com 5% dos licenciados inquiridos.

Todas as razões apresentadas em cima, para a escolha do curso, estão intimamente relacionadas com os gostos pessoais dos licenciados, o que em termos motivacionais é bastante importante pois, são indutores do sucesso escolar.

#### **Quadro IV.15**

Razões para o ingresso neste estabelecimento de Ensino

<b>Razões para o ingresso neste estabelecimento de Ensino</b>	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
<b>Por ser um estabelecimento de ensino com prestígio</b>	10	48
<b>Por ser o único estabelecimento que tinha o curso que pretendia</b>	2	10
<b>Por ser um estabelecimento que tinha um corpo docente de qualidade</b>	1	5
<b>Por ser um curso com várias saídas profissionais</b>	8	38
<b>Por ser um curso com boas saídas profissionais</b>	1	5
<b>Por ser o estabelecimento mais próximo do sítio onde vivia</b>	11	52
<b>Por ser um estabelecimento distante do sítio onde vivia</b>	1	5
<b>Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão útil</b>	3	14
<b>Por conselho de amigos</b>	3	14
<b>Por conselho de familiares</b>	1	5
<b>Por conselho de professores</b>	2	10
<b>Alguns dos amigos candidataram-se ao mesmo estabelecimento</b>	1	5
<b>Foi onde ficou colocado</b>	4	19
<b>Outra</b>	2	10
<b>NS/NR</b>	1	5
<b>Total</b>	51	243

No Quadro IV.17, são apresentadas as razões para o ingresso neste estabelecimento de ensino também já acima referenciado.

No ano de estudo, 2004/ 2005, 52% dos inquiridos referem que optaram por esta instituição, pelo estabelecimento se localizar no sítio mais perto do local onde o licenciado vivia.

Seguidamente, (48%) dos licenciados respondem que escolheram esta instituição, por ser considerada um estabelecimento de ensino com prestígio.

O valor percentual seguinte de 38%, diz respeito aos licenciados que escolheram o estabelecimento de ensino por ser um curso com várias saídas profissionais.

Com 5% foram apontadas várias razões sendo elas: Por ser um estabelecimento que tinha um corpo docente de qualidade; por ser um curso com boas saídas profissionais; por ser um estabelecimento distante do sítio onde vivia; por conselho de familiares; por alguns dos amigos se candidataram ao mesmo estabelecimento e por não saberem o que responder.

Pode-se constatar com estes resultados, que a razão relativa à proximidade do estabelecimento de ensino ao lar indica preocupações económicas e relacionais que poderão motivar a escolha do estabelecimento de ensino.

#### **Quadro IV.16**

Média de final de curso

	Frequência (N)	Percentagem (%)
<b>13 a 14</b>	1	4,76
<b>15 a 16</b>	14	66,67
<b>17 a 18</b>	6	28,57
<b>Total</b>	21	100

Apresentamos agora as médias de final de curso (quadro IV.18).

Podemos então verificar que a média superior apresenta uma percentagem de 66,67%, esta que corresponde aos valores entre o 15 e o 16.

A percentagem mínima apresentada (4,76%) refere-se ao intervalo de valores de 13 a 14.

Os valores entre 17 a 18, apresentam um valor percentual de (28,57%) correspondente a 6 licenciados.



Com estes resultados podemos aferir que apesar das médias não apresentarem valores superiores, existe um balanço de um bom aproveitamento escolar.

Estes resultados poderão ter haver com a motivação e gosto pelo curso assim como pelo estabelecimento de ensino, pois quando existe motivação há maior empenho e por sua vez maior sucesso nos resultados obtidos.

#### **Quadro IV.17**

Se fosse hoje, o que faria?

	Frequência (N)	Percentagem (%)
<b>Escolhia o mesmo curso, mas noutro estabelecimento de ensino</b>	3	14,29
<b>Escolhia outro curso, mas no mesmo estabelecimento de ensino</b>	1	4,76
<b>Escolhia o mesmo curso e o mesmo estabelecimento de ensino</b>	17	81
<b>Total</b>	21	100

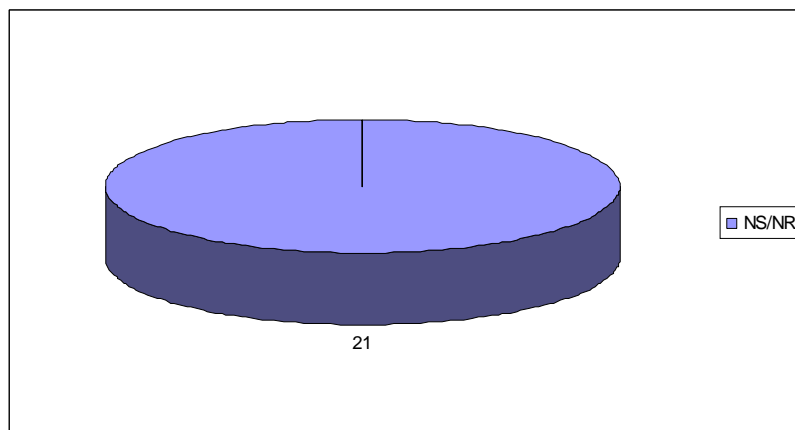
Quando questionado sobre se escolheriam a faculdade referida ou outro estabelecimento de ensino, os inquiridos em larga escala (81%) responderam que escolheriam tanto o mesmo curso com a mesma instituição. Por outro lado, (14,29%), dos licenciados escolheria o mesmo curso mas noutro estabelecimento de ensino.

Após a leitura deste quadro, verifica-se que os licenciados estão satisfeitos com a instituição de ensino e com o curso em que frequentaram.

Apenas 1 dos licenciados (4,76%), diz que escolheria outro curso mas no mesmo estabelecimento de ensino. Verifica-se que estes licenciados não realizaram a melhor opção no seu plano de orientação vocacional e de carreira.

#### Gráfico IV.6

Qual o curso que escolheria?



Relativamente aos licenciados que mencionaram escolher outro curso, nenhum deles respondeu qual seria o curso que teria escolhido hoje, como podemos verificar no gráfico acima.

Na monografia de Malaínho (2003), também a larga maioria dos licenciados excepto um diz que escolheria o mesmo curso, isto que vai de encontro com a satisfação e motivação dos mesmos com o próprio curso e que por sua vez produzem o sucesso escolar.

#### Quadro IV.18

Qual o estabelecimento que escolheria?

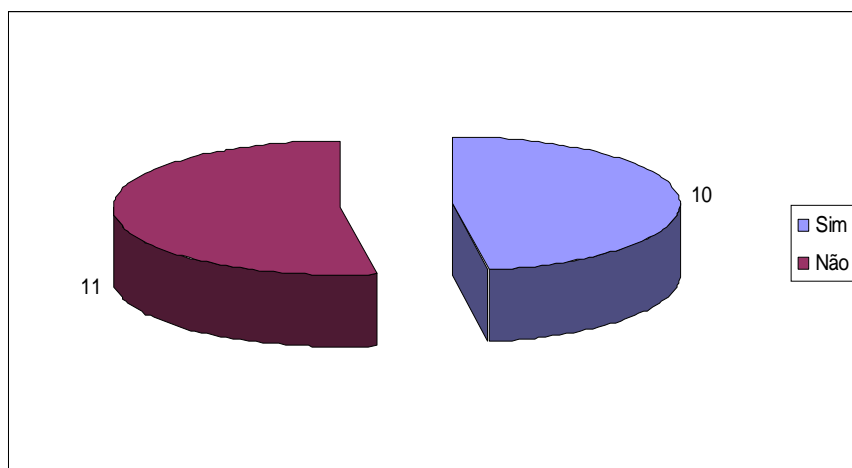
	Frequência (N)	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada
Lisboa/ Estabelecimento	1	100	100

O quadro IV.20 mostra-nos em que estabelecimento de ensino estes licenciados gostariam de ter a sua formação académica. Assim, verifica-se que todos os licenciados responderam que gostariam de frequentar a Universidade de Lisboa.

Na monografia de Malaínho (2003) contrariamente aos resultados deste estudo, os licenciados optariam pela Universidade do Porto.

#### Gráfico IV.7

Trabalhou durante o curso



Verificamos no gráfico acima que 11 dos licenciados (52,4%), responderam que não exerceram qualquer actividade laboral durante o curso, mas 10 dos licenciados (47,6%), responderam que sim.

Estes valores poderão ser uma das condições para que muitos dos alunos não tenham conseguido efectuar o curso no tempo adequado, já que a actividade laboral requer dispensa de tempo para a mesma, restando assim muito pouco tempo para a actividade académica.

Na monografia de Malaínho (2003) apresenta na sua maioria que os licenciados trabalharam durante o curso, isto de poderá ter induzido o insucesso escolar.

#### Quadro IV.19

Anos do curso em que trabalhou

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Sempre	2	10
1ºano	1	5
2ºano	3	14
3ºano	4	19
4ºano	6	29
NS/NR	11	52
Total	27	129

Relativamente ao Quadro IV.21, este demonstra o número de anos do curso em que os Licenciados, que exerceram funções laborais, trabalharam no ano de licenciatura.

Dos Licenciados do ano 2004/2005, apenas dois dos licenciados dizem que trabalharam sempre durante o curso, no 1º ano apenas um licenciado diz que trabalhou, no 2º ano três dos licenciados dizem que trabalharam, no terceiro ano quatro respondem que trabalharam e no 4º ano seis licenciados. Por último onze dos licenciados respondem que (NS/NR).

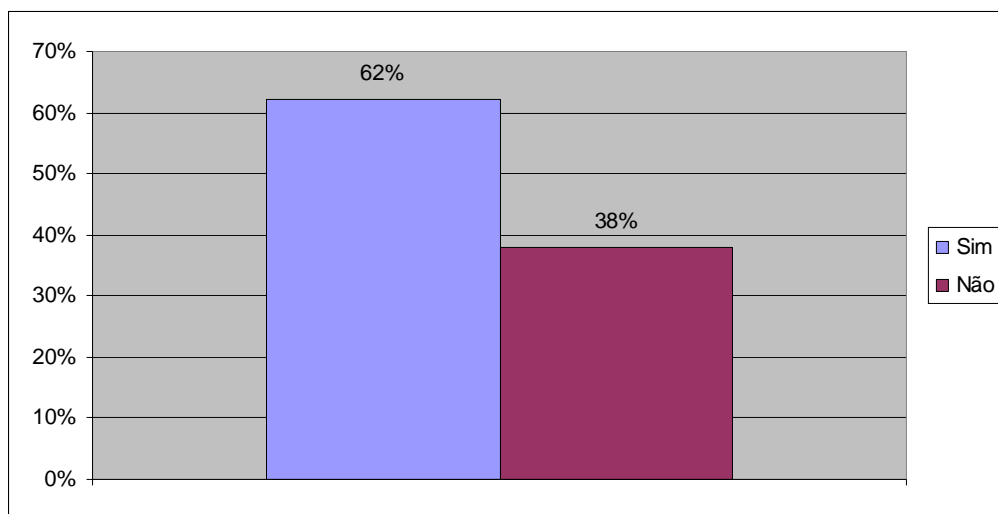
Isto poderá se explicar pela diminuição de carga horária ao longo do curso, levou a um aumento do número de licenciados a trabalhar à medida que aumentava os anos do curso.

### ***2.1. Formação Extra - Curricular***

Apresentamos de seguida dados relativos à formação complementar, nomeadamente a especializações, programas de mobilidade/ intercâmbio estudantes.

### **Gráfico IV.8**

Formação complementar



Assim o gráfico seguinte (IV.9) apresenta-nos que do ano 2005/2006 somente 62% dos licenciados inquiridos (13) acederam a uma formação complementar,

enquanto 38 % não optou por efectuar uma formação complementar para melhorar os seus conhecimentos pela formação pessoal.

É de notar de o total de licenciados que durante os 3 anos realizaram uma formação complementar é bastante diferente aos que não realizaram, visto que apenas 62% optou por uma formação.

#### **Quadro IV.20**

Formação no âmbito do Curso

	Frequência (N)	Percentagem (%)
<b>Outro tipo de formação/no país</b>	5	24
<b>NS/NR/no país</b>	16	76
<b>Total</b>	21	100

Através da visualização do gráfico acima poderemos constatar, que 5 (24%) dos licenciados num total de 21 licenciados inquiridos responderam que já efectuaram outro tipo de Formação dentro do País, no âmbito do curso em que frequentaram, ou seja, já fizeram alguma formação dentro da área do curso.

Apenas 16 (76%) dos licenciados respondem que (NS/NR), isto significa que estes não devem ter tido outro tipo de formação no âmbito do curso no País.

Na revisão da literatura efectuada está bem presente de que forma a Formação profissional é importante num domínio de formação permanente e contínua ao longo da vida, visto que as competências adquiridas numa licenciatura não podem reverter-se numa aprendizagem única, mas sim numa aprendizagem básica que deverá ser complementada por outras competências fornecidas pela formação profissional

Devemos ter em conta que, desde que começamos os nosso estudos, á medida que vamos evoluindo na carreira profissional, cada mais há maior necessidade de aprofundar e adquirir novos conhecimentos, daí a importância da formação complementar.

#### **Quadro IV.21**

Tipo de Formação Complementar Efectuada no País

	Frequência (N)	Percentagem (%)
<b>Outro tipo de formação/no país</b>	5	24
<b>NS/NR/no país</b>	16	76
<b>Total</b>	21	100

O gráfico IV.10 demonstra-nos o tipo de formação efectuada pelos licenciados que frequentaram formação complementar no nosso país.

È evidente neste gráfico acima, que 24% dos licenciados responderam que realizaram outro tipo de formação no país, e apenas 76% responde que NS/NR, isto é a grande maioria de licenciados não efectuou qualquer tipo de formação dentro do país.

A formação profissional assume um papel preponderante na actualização e “reciclagem” dos conhecimentos adquiridos e um processo de formação permanente e contínua. As competências adquiridas na licenciatura, são apenas a base de todo o conhecimento que teremos de adquirir para conseguirmos exercer uma actividade profissional.

#### Quadro IV.22

Tipo de formação complementar efectuada no Estrangeiro

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes/no estrangeiro	9	43
NS/NR/ no estrangeiro	12	57
Total	21	100

Neste gráfico é-nos mostrado o tipo de formação complementar efectuada no estrangeiro. No ano de 2005/2006, podemos observar que 57% dizem NS/NR, e 42,9 %, correspondente a nove dos licenciados, dizem que frequentaram um programa de mobilidade/ intercâmbio de estudantes no estrangeiro.

Será importante mencionar que se uma formação complementar já por si se torna bastante produtiva e enriquecedora para os conhecimentos de um profissional, então será também bastante importante e enriquecedor se essa formação for realizada noutro país.

#### Quadro IV. 23

Importância dos vários tipos de formação no processo de aprendizagem

	Frequência (N)	Percentagem (%)
2- Programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes/no país	4	19
3- Programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes/no país	5	24
4-Programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes/no país	16	76
1- Especializações/no país	1	5
2-Especializações/no país	3	14
3-Especializações/no país	6	29
4-Especializações/no país	15	71
3- Outro/no país	1	5
4- Outro/no país	3	14

A importância atribuída pelos licenciados aos tipos de formação complementar pode ser observada no Quadro IV. 25.

Assim numa escala de importância de valores entre 1 a 4 ( 1- “ nada importante”; 2- “ pouco importante”; 3- “ importante”; 4- “ muito importante”) verificamos que a formação no país, nomeadamente ao programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes, é bastante valorizada tendo em vista a percentagem elevada ( 76%) em 16 licenciados.

As especializações (acções de formação), atingem valores percentuais de 71% em 15 licenciados.

Outros tipos de formação são apontados como muito importante em 3 licenciados, esta quer não parece ser muito relevante para discussão.

### 3. FORMAÇÃO ACADÉMICA APÓS DE OBTENÇÃO DE DIPLOMA

#### **Quadro IV.24**

Frequência de formação de âmbito académico após a obtenção do diploma

	Frequência (N)	Percentagem (%)
<b>Sim</b>	2	10
<b>Não</b>	19	90
<b>Total</b>	21	100

Analisando o quadro IV.23, respeitante à frequência de formação de âmbito académico após a obtenção de diploma, verificamos que, no ano estudado a maioria de licenciados não frequentou formação académica complementar, ou seja, apenas dois dos licenciados (10%) responde que “ Sim” à pergunta e 19 licenciados (90 %), dizem que “ Não”.



#### **Quadro IV.25**

Tipo de Formação de âmbito académico a obtenção do diploma

<b>Tipo de formação</b>	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
<b>Mestrado</b>	1	50
<b>Outra -Hidroginástica</b>	1	50
<b>Total</b>	2	100

Relativamente ao tipo de formação frequentada (Quadro IV.24), constata-se que nesta pergunta do inquérito apenas diz respeito aos licenciados que responderam “sim” ao (Quadro IV.23).

Apenas um licenciados diz estar em mestrado e igualmente um dos licenciados diz estar em outra formação, correspondente a hidroginástica.

#### **Quadro IV.26**

Razões para o prosseguimento de estudos académicos

	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
<b>Sentiu necessidade de aprofundar os seus conhecimentos para melhor desempenhar a profissão</b>	2	100
<b>Total</b>	2	100

De entre as razões apontadas para o prosseguimento dos estudos académicos (Quadro IV.25), destaca-se o facto de os licenciados se sentirem necessidade de aprofundar os seus conhecimentos para melhor desempenhar a profissão. Esta com uma percentagem máxima (100%).

#### **Quadro IV.27**

Distribuição dos diplomados segundo o desejo de frequentar formação de âmbito académico

	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
<b>Sim</b>	17	81
<b>Não</b>	1	5
<b>NS/NR</b>	3	14
<b>Total</b>	21	100

Atendendo ao Quadro IV. 26, relativo à distribuição dos diplomados segundo o desejo de frequentar formação de âmbito académico, constata-se que a maioria dos diplomados menciona que desejaria frequentar formação de âmbito académico. Esta situação poderá estar relacionada com o facto de este grupo de licenciados ter uma percentagem mínima com frequência de formação de âmbito académico. (Quadro IV.24) pois ainda não tiveram tempo de a frequentar, mostrando, no entanto, que pretende realizar este tipo de formação.

#### **Quadro IV.28**

Formação de âmbito académico que os diplomados inquiridos pretendem frequentar

	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
<b>Mestrado</b>	17	100
<b>Doutoramento</b>	2	12
<b>Total</b>	19	112

No que concerne, ao tipo de formação que os licenciados pretendem frequentar (Quadro IV.27), verificamos que a grande maioria dos Licenciados (17) no ano lectivo de 2004/2005, pretende ingressar em Mestrado e apenas dois dos licenciados dizem querer ingressar no Doutoramento.

## CAPÍTULO V- CONCLUSÕES

Inicialmente será importante mencionar que antes de efectuar o tratamento de todos os resultados, foi necessário passar por algumas etapas importantes para a realização desta monografia.

Primeiramente, para existir uma maior familiarização da temática aqui tratada, foi pertinente efectuar uma recolha de bibliografia de acordo com a mesma, esta que ficou exposta no capítulo II deste trabalho.

De seguida, foi apresentado qual a amostra total deste trabalho na metodologia, esta inserida no capítulo III.

No seguimento do trabalho e quando já tínhamos acesso a todos os questionários respondidos, foi então necessário efectuar o tratamento dos dados obtidos.

Após ter efectuado todo o tratamento dos dados obtivemos os seguintes resultados como mais pertinentes a assinalar.

Em primeiro lugar há que salientar o facto de o sexo masculino apesar de em pouca diferença, se apresenta em maioria na frequência deste curso, o que tem vindo a diminuir facto que podemos observar quando comparamos os resultados obtidos com a homónima de Monteiro (2006).

Deverá se afirmar que estes resultados começaram-se a alterar ao longo dos tempos, isto que vem contrariar a ideia que nesta área predominava essencialmente o sexo masculino, pois cada vez mais o sexo masculino está a ingressar neste tipo de curso, como é verificável em relação ao FCDEF-UC.

De acordo com uma perspectiva Social, podemos especular que a origem social dos alunos é, verificada por alguns dados dos pais, habilitações escolares, situação face ao trabalho, situa-os num contexto social, cultural e económico de nível médio/ alto. Também foi verificado na análise dos resultados que a escolaridade dos pais é maioritariamente de nível secundário ou superior.

Uma vez que a influência da origem social no percurso escolar, das condições sócio- culturais da família de origem dos inquiridos no percurso escolar, podemos concluir que o Ensino Superior tem sofrido uma elitização, este que poderá explicar o factor do baixo valor de licenciados que não acabou o curso no tempo curricular mínimo ( 3 licenciados), uma vez que os filhos com os pais de classe média/alta,

terem a predisposição para reproduzir o capital cultural e social familiar, resistindo à despromoção social na trajectória escolar.

A herança cultural tem um papel fulcral no acesso às diferentes oportunidades que constituem o sistema do ensino superior.

Este conteúdo foi discutido nas décadas de sessenta e setenta a partir da análise de Bourdieu e Passeron (1964).

Os licenciados que vêm de classes sociais mais baixas, devem o seu insucesso escolar, pelo facto de muitas das vezes terem de exercer uma actividade profissional aquando a frequência num curso, deixando assim de ter maior disponibilidade e poderem dedicar-se melhor ao curso propriamente dito.

Uma vez que existe uma grande variedade diversidade de localidades de onde provêm os inquiridos, uma vez que a maioria destes teve que deslocar-se do seu contexto geográfico e social poderão ser, igualmente, factores que poderão determinar o seu sucesso ou insucesso escolar.

A mudança de residência aquando a entrada para a universidade é um momento de desequilíbrio na vivência de um estudante, pois estes poderão introduzir algumas condicionantes a nível pessoal, social e económico e que mais uma vez poderão influenciar o rendimento escolar de um licenciado.

Apenas três dos licenciados referiram não ter acabado o curso no tempo curricular mínimo, e apontaram como razões o “Ter de cumprir serviço militar obrigatório durante o curso” e “Ter dificuldade em ter aproveitamento numa/num conjunto de disciplinas”. Aqui, os factores reveladores de insucesso escolar poderão ser sempre diversos, isto é, a predisposição social destes alunos é favorável ao sucesso escolar, pelo que estes factores estarão talvez associados à falta de interesse, expectativas e motivação por parte dos inquiridos e também aos insucessos anteriores, que poderão ter determinado uma certa falta de autoconfiança, valorização pessoal e capacidades intelectuais para atingir os objectivos previamente determinados.

A insatisfação de frequência de um curso que não foi a primeira opção ou acesso ao ensino superior, (Gráfico IV.5) poderá também ser um dos factores desmotivante, uma vez que a escolha não estava de encontro com as expectativas do então aluno, esta condição que poderá implicar que a sua trajectória escolar não seja um factor determinante pelo sucesso mas sim por insucessos constantes ao longo da sua formação académica.

Nesta amostra de 21 inquiridos apenas 3 dizem que não foi a sua primeira opção na escolha da FCDEF-UC, o que poderá ser indicador de baixo insucesso escolar.

No que se refere às razões mencionadas para a escolha do curso, estas recaíram essencialmente em motivos de realização pessoal, tal como “Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão útil”, e “Por já ter trabalhado em áreas afins”. Com isto poderemos aferir que os inquiridos escolheram o seu curso com o intuito de poderem seguir uma vocação dentro da sua área de interesse, sem que a sua escolha fosse influenciada por outros, ou apontando razões de ordem económica ou social para a escolha do curso.

A grande maioria dos inquiridos revelaram neste inquérito que ficaram satisfeitos tanto com o curso como a instituição superior, e ainda apesar de serem apenas três licenciados referem estar descontentes com a instituição superior. Estes dados poderão ser reveladores de que existem factores negativos para estes três licenciados, pois a insatisfação pela instituição pode provocar falta de interesse e motivação pelo desempenho escolar e até mesmo no sucesso escolar.

Apesar da inegável importância atribuída à formação extracurricular, esta não recebeu uma participação considerável pelos licenciados inquiridos, pois apenas 13 dos licenciados efectuaram formação complementar.

Demonstra-se então, que os inquiridos dão importância à formação extracurricular, pois só assim poderão desenvolver capacidades, conhecimentos aptidões e atitudes que serão benéficos para a sua formação profissional.

Assim, as conclusões retiradas desta investigação vão de encontro com a revisão bibliográfica. Existem assimetrias entre os alunos do ensino superior, designadamente no capital cultural, social, económico e escolar, pois estes acarretam instabilidades na vida académica, quer seja pela falta de atenção e concentração nas aulas, quer seja devido a problemas pessoais com a ansiedade, depressão e dificuldades de adaptação, quer problemas de natureza económica para sustentabilidade das despesas inerentes ao processo formativo, estas que por vezes condicionam a realização de actividades extracurriculares e o empenho académico.

## CAPÍTULO VI- REFLEXÕES E RECOMENDAÇÕES

O objectivo deste trabalho não foi encontrar soluções para os problemas suscitados neste trabalho, mas sim apenas realizar uma análise informativa de como estão os resultados académicos de acordo com a origem social e trajectória escolar dos licenciados.

Desde cedo os indivíduos são submetidos a selecção e seriações na educação escolar, pois uns abandonam, outros prosseguem.

Com a elitização do Ensino Superior, o Ensino básico e Secundário, estes que estão orientados para o ensino superior, apresentam-nos assim mais um problema, pois aqueles que acedem à universidade constituem uma população específica porque sobrevivem ao longo e complexo de selecção.

O ensino superior, muitas das vezes, também se torna bastante teórico e pouco direccionado para a realidade que os alunos de vão deparar na vida profissional, o que vai posteriormente criar uma incompetência de profissionais que não se adaptam na sua actividade profissional.

Neste trabalho, ficou notório que a origem social dos alunos, capital cultural e escolar dos pais são dos factores mais decisivos para que ocorra o sucesso ou insucesso dos alunos.

Neste sentido, será importante mencionar, que o sistema educativo deverá reduzir a vulnerabilidade social dos jovens oriundos de classes sociais mais desfavorecidas, a fim de romper o vínculo vicioso da pobreza e da exclusão dos mesmos. Assim terão que adoptar medidas que passem pela detecção das maiores dificuldades dos alunos, ligadas a aspectos familiares, e adopção de políticas de discriminação positiva relativamente aos que apresentam maiores dificuldades.

Na universidade deverão ter de ser apresentadas uma série de condições, que permitem aos alunos o maior desenvolvimento profissional, dando oportunidades aos licenciados de desenvolverem competências investigativas, de inovação, permitindo debater questões educativas, sociais e éticas.

È ainda também importante referir, que os licenciados o desenvolvimento escasso que os diplomados adquirem, sobre normas, comportamentos, comunicação, e relacionamento internos, cultura e valores das organizações de trabalho ao longo do percurso profissional, estes que contribuem para tornar o diplomado mais competente

e capaz, de desempenhar as suas actividades de trabalho, após a conclusão da licenciatura.

A técnica de recolha utilizada, nomeadamente o seu modo de aplicação, confrontou-nos com alguns obstáculos. A aplicação de todo o questionário via Internet de acordo com a extensão do mesmo, trouxeram algumas condicionantes para o nosso trabalho, como a demora e dificuldade no preenchimento do mesmo.

Posto isto, a amostra recolhida comparativamente ao estudo anterior, (Monteiro, 2006), foi bastante inferior o que prejudicou em certa medida a análise dos resultados obtidos.

## **2. RECOMENDAÇÕES**

A Recolha de dados mostrou-se de grande dificuldade, embora o envio por e-mail seja a melhor opção devido à facilidade de utilização e à sua rapidez, o tipo de inquérito enviado não era de fácil preenchimento e apresentava-se bastante extenso o que poderá ter levado a alguns dados desadequados e até mesmo os inquiridos optarem por não responderem a alguma questão e a todo o questionário.

Assim, são aqui deixadas algumas recomendações que poderão servir trabalhos similares posteriores:

1. Elaborar um questionário menos extenso, ou separado por partes, sendo respondido em diferentes ocasiões, que evitará o cansaço no preenchimento do mesmo;
2. Utilizar um inquérito interactivo ou criar uma página Web para uma maior facilidade de preenchimento e tratamento de dados;
3. Assegurar a representatividade da amostra, de forma a obter resultados mais significativos;
4. Aplicar o questionário em diferentes estabelecimentos de ensino propiciando um estudo comparativo, nomeadamente às faculdades da área do Desporto e/ ou educação Física, criando uniformização na avaliação das faculdades.
5. Diversificar mais futuras estratégias de investigação e os instrumentos de recolha de dados, permitindo uma aproximação mais extensiva e intensiva, de tipo qualitativo, recorrendo a entrevistas e análise

multivariada de dados, de modo a se poder adquirir um conhecimento mais complexo, diversificado e multifacetado da realidade em estudo.

6. A escassez de informatização dos dados relativos aos inquiridos fornecidos pelo Serviço de Alunos do FCDEF-UC e dos Serviços Centrais da Universidade, dificultam de certa medida a nossa pesquisa.



## CAPÍTULO VII- BIBLIOGRAFIA

- Ü Alves.M. “*A inserção profissional de diplomados no ensino superior, numa perspectiva educativa.*” *Formação Profissional*.
- Ü Apontamentos das aulas da disciplina Educação, Escola e Sociedade da FCDEF.UC, leccionada pelo docente Rui Gomes.
- Ü Benavente, Ana Correia, A. (1981). “*Obstáculos ao sucesso na escola primária.*” Lisboa: IDE, pp.7-23.
- Ü Bourdieu, Pierre, Passeron, J.C. (1964). « *Os herdeiros : o ensino superior e as desigualdades sociais.*” In M<sup>a</sup> F. Mónica, *Escola e Classes Sociais*. Lisboa: Presença/GIS, pp.85-95.
- Ü Borsa Juliane (2007) “*O papel da escola no processo de Socialização Infantil.*” O portal dos Psicólogos.
- Ü Carmo, R. (1999). “ *As desigualdades sociais no ensino superior: entre a reprodução e a democratização*”. *Comunicação apresentada no Colóquio Comemorativo dos 20 anos da Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra.
- Ü Carneiro, R. (1988). “*Portugal, os próximos 20 anos.*” V volume – Educação e emprego em Portugal: uma leitura de modernização. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ü Correia.T.( 2003) “*O insucesso escolar no Ensino Superior*”.Lisboa: Instituto Superior de ciências no trabalho e na empresa.
- Ü Costa, H.J. (2003). “*Observatório do Percurso dos Diplomados pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra: Origem Social, Representações e Expectativas sobre o Percurso*

*Profissional.*”Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

- Ü Faustino.O.( 2001). “*A saúde dos estudantes da Universidade do Algarve.*”. Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.
- Ü Gerra, M.(2000). “*A escola que aprende.*”Lisboa: Edições Morata S.L,2000.
- Ü Gomes, Rui (2002). “*A Globalização da Escola de Massas: Prespectivas Institucionalistas e Genealógicas.*” Revista Crítica de Ciências Sociais, 61,pp.135-167.
- Ü Gomes, Rui (1993). “*A situação do professor em Portugal.*”
- Ü Gomes. Rui.(2001). “*Genealogia do Ensino Secundário Unificado: Uma nova matriz Social.*” Revista Portuguesa de Educação. Vol.14. nº 002. Universidade do Minho.
- Ü Gomes.Rui (2005). “*O governo da Educação em Portugal.*” Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Ü Gomes, R. M. (2001). “*Sociologia, Problemas e Práticas: As Tecnologias de Governo do Eu e a Escola.*”37, 49-75.
- Ü Gordon.S.( 2000). “*Como ajudar os professores principiantes a ter sucesso.*”Lisboa: Edições Asa,S.A.
- Ü Jesus.S. (2002) “*Perspectivas para o Bem-Estar Docente.*”Lisboa: Edições Asa,S.A.
- Ü Jesus.S (2003) “*Influência do Professor sobre os alunos.*” Lisboa: Edições Asa, S.A.

- Ü Malaínho, P. M. (2003). “*Observatório do Percurso dos Diplomados pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra: Perfil Social e Trajectória Escolar dos licenciados*.” Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.
- Ü Miranda, M. (2006) “*Observatório de emprego de diplomados do ensino superior: implicações para a vocação profissional*”. Universidade do Minho.
- Ü Pereira, A. (2005). “*A Educação Física e desporto em Portugal. A visão de um grupo de profissionais excelentes*. Parte I- Panorama actual” in Revista Horizonte, vol. XX, Nº 117, (21-32).
- Ü Portugal, Ministério da Educação (1998). “*Sistema Educativo Português: caracterização e propostas para o futuro*.” Lisboa: Autor
- Ü SANTOS, B. Sousa (1990). “*O Estado e a Sociedade em Portugal*” (1974-1988). Porto: Afrontamento.

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1- INQUÉRITO DO ESTUDO**

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra  
Estádio Universitário – Pav. 3, STª Clara 3044 – 516 Coimbra – Tel 239802770 Fax 239802778 [servalunos@fcdef.uc.pt](mailto:servalunos@fcdef.uc.pt)

## **Situação dos Licenciados Perante o Emprego**

Este inquérito destina-se unicamente aos licenciados que iniciaram e terminaram o curso no FCDEF.UC, isto é, alunos que estiveram matriculados nos 4 anos lectivos necessários para obtenção do curso.

A F.C.D.E.F.-U.C. pretende verificar qual a relação actual entre a formação e o sistema de emprego. Estamos preocupados com as tendências de evolução do emprego nesta área. Nesse âmbito, o presente questionário destina-se a avaliar a situação perante o emprego dos licenciados que concluíram o curso no ano lectivo 2005/2006.

## PERFIL SOCIAL

### CARACTERIZAÇÃO DO INDIVÍDUO

1. Sexo

☐ Masculino  
☐ Feminino ☐ NS/NR

2. Qual é a sua data de nascimento (mês e ano)?

/19 ☐ NS/NR  
(mês) (ano)

3. Teve de mudar de residência quando se inscreveu no ensino superior?

☐ Sim ☐ Não ☐ NS/NR

4. (Se sim) Passou a morar onde?

Concelho  ☐ NS/NR

5. Qual é o seu estado civil?

☐ Solteiro  
☐ Casado/ União de facto  
☐ Divorciado/ Separado  
☐ Viúvo  
☐ Outra razão à Qual?  ☐ NS/NR

6. Como é composto o seu grupo doméstico actual (com quem vive)? (múltipla)

☐ Vive sozinho  
☐ Vive com o Pai/ padrasto  
☐ Vive com a mãe/ madrasta  
☐ Vive com irmão (s)  
☐ Vive com o Cônjuge/ companheiro  
☐ Vive com os filhos/ enteados  
☐ Vive com os avós  
☐ Vive com amigos  
☐ Outro à Qual?  ☐ NS/ NR

7. Qual é a condição perante o trabalho do seu cônjuge/ companheiro(a), na actualidade (na actividade principal)?

☐ Empregado  
☐ Desempregado  
☐ Reformado  
☐ Doméstico  
☐ Estudante  
☐ Serviço Militar Obrigatório  
☐ Outra à Qual?  ☐ NS/ NR

8. Qual foi o nível de escolaridade mais elevado que os seus pais e companheiro (a)/  
cônjuge completaram?

ESCOLARIDADE	PAI	MÃE	COMP./ CONJUGE
Não sabe ler nem escrever			
Sabe ler e/ou escrever			
1º Ciclo do Ensino Básico (Antigo Ensino Primário – 4ª Classe)			
2º Ciclo do Ensino Básico – 6º ano (Antigo Ensino Preparatório ou equivalente – antigo 2º ano)			
3º Ciclo do Ensino Básico – 9º ano (Antigo Ensino Secundário Geral ou Ensino Unificado ou Equivalente – antigo 5º ano)			
Ensino Secundário Complementar ou equivalente – 10º e 11º ano (antigo 7º ano)			
12º Ano, propedêutico ou equivalente			
Bacharelato			
Licenciatura			
Pós-graduação			
Mestrado			
Doutoramento			
NS/NR			

9. Qual era a condição perante o trabalho dos seus pais, no seu ano de candidatura  
(na actividade principal)?

Pai

- ☐ Empregado  
☐ Desempregado  
☐ Reformado  
☐ Doméstico  
☐ Estudante  
☐ Serviço Militar Obrigatório  
☐ Outra à Qual?

÷

☐ NS/ NR

Mãe

- ☐ Empregado  
☐ Desempregado  
☐ Reformado  
☐ Doméstico  
☐ Estudante  
☐ Serviço Militar Obrigatório  
☐ Outra à Qual?

÷

☐ NS/ NR

10. A situação profissional dos seus pais alterou-se durante o decorrer da licenciatura  
(actividade principal)? Se sim, qual a alteração?

Pai

÷

Mãe

÷

☐ NS/NR



## Trajectória Escolar

### *Percurso no Ensino Superior até à obtenção da Licenciatura em Ciências do Desporto e de Educação Física*

11. Qual foi o tipo de estabelecimento que frequentou na fase final do ensino secundário?

- ☐ Público
- ☐ Privado
- ☐ NS/NR

12. Em que concelho frequentou a fase final do ensino secundário?

- Concelho \_\_\_\_\_.
- País (se estrangeiro) \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

13. Com que habilitação se candidatou, pela primeira vez, ao ensino superior?

- ☐ 12º ano, via ensino
- ☐ 12º ano, via profissionalizante
- ☐ Curso do ensino técnico – profissional
- ☐ Ano propedêutico
- ☐ Exame ad-hoc
- ☐ Outra situação (ex. Ano “O”) à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

14. Em que ano lectivo se candidatou, pela primeira vez, ao ensino superior?

- \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
☐ NS/ NR

15. Qual foi a modalidade de acesso ao ensino superior?

- ☐ Concurso nacional
  - ☐ Contingente: Geral
  - ☐ Contingente: Regiões Autónomas (Madeira e Açores)
  - ☐ Contingente: Macau
  - ☐ Contingente: Emigrantes
  - ☐ Contingentes: Deficientes
- ☐ Concurso especial à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ Regime especial à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

16. Em que ano lectivo se matriculou no 1º ano no FCDEF.UC e com que nota de candidatura?

- Ano \_\_\_\_/\_\_\_\_  
☐ NS/ NR
- Nota de candidatura \_\_\_\_, \_\_\_\_, valores ☐ NS/ NR

17. O curso a que se refere o inquérito foi a sua 1ª opção?

- ☐ Sim ☐ Não ☐ NS/ NR

18. Concluiu o seu curso no tempo curricular mínimo (=tempo previsto oficialmente)?

\_\_\_ Sim                      \_\_\_ Não                      \_\_\_ NS/ NR

19.No caso de não ter concluído o curso no tempo curricular mínimo, indique as principais razões num máximo de 3 (múltipla):

- \_\_\_ Teve de cumprir serviço militar obrigatório durante o curso  
\_\_\_ Teve de conciliar o curso com uma actividade profissional/ emprego  
\_\_\_ Perdeu interesse pelo curso  
\_\_\_ Adoeceu  
\_\_\_ Casou-se  
\_\_\_ Reprovou  
\_\_\_ Teve dificuldade em ter aproveitamento numa/ num conjunto de disciplinas  
\_\_\_ Desempenhava actividades extra-curriculares. Quais?  
\_\_\_ Outra razão à Qual? \_\_\_\_\_  
\_\_\_ NS/ NR

20. Qual foi a sua média final de curso?

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ valores                      \_\_\_ NS/ NR

21. Em que ano e mês acabou o curso?

Ano \_\_\_\_\_ Mês \_\_\_\_\_                      \_\_\_ NS/ NR

22. Quais foram as principais razões, num máximo de 3, que o levaram a ingressar neste curso específico:

Características do curso (assinale o máximo de 3)	___ Por ser um curso com prestígio ___ Pela estrutura curricular do curso ___ Por ser um curso essencialmente teórico ___ Por ser um curso essencialmente prático ___ Por ser um curso com várias saídas profissionais ___ Por ser um curso com boas saídas profissionais
Interesse profissional (assinale o máximo de 3)	___ Por ser um curso que permitia a aquisição de conhecimentos na sua área de interesse ___ Por já ter trabalhado em áreas afins ___ Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão que o realizasse pessoalmente ___ Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão útil
Futuro profissional	___ Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão bem remunerada ___ Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão que lhe deixasse tempo livre ___ Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão com prestígio social
Influência da família e dos amigos	___ Por ser um curso com tradição na família ___ Por ser um curso que grande parte dos amigos também escolheu ___ Por ser um curso que lhe permitia impor a sua vontade perante a família

Aproveitamento escolar	<input type="checkbox"/> Por ser um curso para o qual tinha média suficiente para entrar
	<input type="checkbox"/> Outra. Qual?
	<input type="checkbox"/> NS/ NR

23. Quais foram as principais razões, num máximo de 3, que o levaram a ingressar neste estabelecimento de ensino específico:

Características do curso (assinale o máximo de 3)	<input type="checkbox"/> Por ser um estabelecimento de ensino com prestígio <input type="checkbox"/> Por ser o único estabelecimento que tinha o curso que pretendia <input type="checkbox"/> Por ser um estabelecimento que tinha um corpo docente de qualidade <input type="checkbox"/> Por ser um estabelecimento com boas instalações, meios de ensino, etc. <input type="checkbox"/> Por ser um curso com várias saídas profissionais <input type="checkbox"/> Por ser um curso com boas saídas profissionais
Localização	<input type="checkbox"/> Por ser o estabelecimento mais próximo do sítio onde vivia <input type="checkbox"/> Por ser um estabelecimento distante do sítio onde vivia <input type="checkbox"/> Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão útil
Influência das pessoas com quem se relaciona (assinale o máximo de 3)	<input type="checkbox"/> Por conselho de amigos <input type="checkbox"/> Por conselho de familiares <input type="checkbox"/> Por conselho de professores <input type="checkbox"/> Por tradição familiar <input type="checkbox"/> Alguns dos amigos candidataram-se ao mesmo estabelecimento
Alternativa	<input type="checkbox"/> Foi onde ficou colocado
	<input type="checkbox"/> Outra. Qual?
	<input type="checkbox"/> NS/ NR

24. Se fosse hoje, o que faria?

- ☐ Escolhia o mesmo curso, mas noutro estabelecimento de ensino  
☐ Escolhia outro curso, mas no mesmo estabelecimento de ensino  
☐ Escolhia outro curso e outro estabelecimento de ensino  
☐ Escolhia o mesmo curso e o mesmo estabelecimento de ensino (Não responda à pergunta 25)  
☐ Não se inscrevia em nenhum curso superior (Não responda à pergunta 25)  
☐ NS/ NR

25. Indique qual o curso e/estabelecimento que escolhia:

Curso \_\_\_\_\_

☐ NS/NR

Estabelecimento \_\_\_\_\_

☐ NS/NR

### **Modalidades de inserção no ensino superior**

26. Em algum momento, durante o curso trabalhou?

☐ Sim ☐ Não ☐ NS/NR

27. (Se sim) Quando? (múltipla)

☐ Sempre  
☐ 1º ano  
☐ 2º ano  
☐ 3º ano  
☐ 4º ano (se se aplicar)  
☐ NS/NR

28. (Se sim) Qual o sector em que trabalhou?

☐ Educação Física escolar  
☐ Desporto (clube, treino, etc)  
☐ Health center, piscina ou similares  
☐ Comércio e outros serviços fora do âmbito do curso  
☐ Indústria  
☐ Agricultura  
☐ NS/NR

### **Formação extra-curricular**

29. Teve acesso a alguma formação complementar (Ex: especializações, programas de mobilidade/intercâmbio estudantes), durante a frequência do curso?

☐ Sim ☐ Não (passe para a pergunta 33) ☐ NS/NR

30. (Se sim) Indique se realizou essa formação no país ou no estrangeiro e também se a fez numa área enquadrada no âmbito do seu curso (múltipla):

#### **30 a – no país**

30 a1 – no âmbito do curso

☐ Programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes (ex:Erasmus, Tempus, Sócrates, etc.)

☐ Outro ☐ tipo ☐ de ☐ formação. ☐ Qual?

☐ NS/NR

30 a2 – fora do âmbito do curso

☐ Programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes (ex:Erasmus, Tempus, Sócrates, etc.)

☐ Outro tipo de formação. Qual?.

☐ NS/NR

#### **30 b – no estrangeiro**

30 b1 – no âmbito do curso (erro)

☐ Programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes (ex:Erasmus, Tempus, Sócrates, etc.)

☐ Outro ☐ tipo ☐ de ☐ formação. ☐ Qual?

⋮

\_\_\_ NS/NR

30 b2 – fora do âmbito do curso

\_\_\_ Programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes (ex: Erasmus, Tempus, Sócrates, etc.)

\_\_\_ Outro tipo de formação. Qual?

÷

\_\_\_ NS/NR

31. Numa escala de 1 a 4, em que 1 é nada importante, 2 é pouco importante, 3 é importante e 4 é muito importante, posicione-se face à importância que cada um destes tipos de formação teve no seu processo de aprendizagem.

	No país				No estrangeiro			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes (ex: Erasmus, Tempus, Sócrates, etc.)								
Especializações								
Outro Qual?								
÷ NS/NR								

32. Numa escala de 1 a 4, em que 1 é nada importante, 2 é pouco importante, 3 é importante e 4 é muito importante, posicione-se face à importância que cada um destes tipos de formação na sua inserção profissional.

	No país				No estrangeiro			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes (ex: Erasmus, Tempus, Sócrates, etc.)								
Especializações								
Outro Qual?								
÷ NS/NR								

## Trajectória Profissional

### *Caracterização da trajectória profissional pós-conclusão do curso*

Vamos passar agora a um conjunto de perguntas sobre o seu percurso profissional. Gostaríamos de saber as várias situações profissionais por que passou desde que terminou o curso.

Empregado	Todo o indivíduo que tinha no período em referência, efectuado trabalho de pelo menos uma hora, mediante o pagamento de uma remuneração ou com vista a um benefício ou ganho familiar em dinheiro ou em géneros; tinha um emprego, não estava ao serviço, mas mantinha uma ligação formal com o emprego; tinha uma empresa mas não estava temporariamente ao trabalho por uma razão específica; estava em situação de pré-reforma mas encontrava-se a trabalhar no período de referência
Desempregado	Não ter trabalho remunerado ou qualquer outro + Estar disponível para trabalhar num trabalho remunerado ou não + Ter feito diligências no sentido de procurar um emprego remunerado ou não ao longo das últimas 4 semanas
Inactivo	Não estar empregado nem desempregado, nem a cumprir o serviço militar obrigatório

33. Pedia-lhe que fosse respondendo (com um X) de modo a preencher um calendário mês/ano acerca de qual foi a sua situação profissional desde de o mês/ ano em que efectivamente acabou o curso.

	Empregado	Desempregado	S.M.O. (Serviço Militar Obrigatório)	Inactivo	A estudar	Outra situação (ex. estágio, bolsa, etc.). Qual?	NS/ NR
2006 Julho Agosto Setembro Outubro Novembro Dezembro							
2007 Janeiro Fevereiro Março Abril Maio Junho Julho Agosto Setembro Outubro Novembro Dezembro							

\_\_\_ NS/ NR

### ***Formação pós-diploma de ensino superior***

34. Após ter terminado a licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física frequentou e/ou está a frequentar formação de âmbito académico (DESE, outra Licenciatura, Pós-graduação, Mestrado, Doutoramento, etc.).

- ☐ Sim (passe para a pergunta 35)  
☐ Não (passe para a pergunta 38)  
☐ NS/ NR

35. Que tipo de formação, de que área, instituição, localização, país, ano de matrícula e de obtenção de diploma e suporte financeiro:

	Área de formação (ex. Economia, Engenharia, Direito)	Nome da Instituição (Univ. Instituto)	Localização (concelho)	País	Ano de Matrícula	Ano de obtenção de diploma	Tipo de Suporte Financeiro (ex. bolsa, empregador, próprio, etc.)
DESE							
Licenciatura							
Pós-graduação							
Mestrado							
Doutoramento							
Outra. Qual?							
NS/ NR							

36. Qual das seguintes frases ilustra melhor a sua situação imediatamente após a conclusão do curso?

- ☐ Acabei o curso e inscrevi-me logo num programa de formação académica  
☐ Procurei emprego durante algum tempo, mas como não encontrei decidi prosseguir os estudos  
☐ Estive empregado durante algum tempo, mas depois decidi retomar os estudos a tempo inteiro  
☐ Continuei a estudar e a trabalhar ao mesmo tempo  
☐ Outra situação → Qual?  
= ☐ NS/NR

37. Qual/ quais das seguintes razões influenciou/ influenciaram a sua decisão para continuar a estudar? (Múltipla – máximo2)

- ☐ Senti necessidade de aprofundar os seus conhecimentos para melhor desempenhar a profissão  
☐ Foi uma alternativa ao desemprego  
☐ Era uma condição para poder progredir na carreira  
☐ Sempre fez parte dos seus planos prosseguir os estudos  
☐ Era uma condição para encontrar emprego  
☐ Era uma condição para encontrar emprego bem remunerado  
☐ Outra razão à Qual?  
= ☐ NS/ NR

38. Pensa vir a frequentar alguma formação de âmbito académico?

\_\_\_\_ Sim      Qual?  
-  
\_\_\_\_ Não  
\_\_\_\_ NS/NR



# **1. Caracterização da situação profissional imediatamente a seguir (ou seja, nos seis meses seguintes) a terminar o curso**

Para os indivíduos que tinham emprego no seis meses seguintes a acabar o curso, responda ao conjunto de questões relativas à situação de EMPREGADO;

Para os indivíduos que estavam na situação de desempregado após acabarem o curso ou nos seis meses seguintes, responda à questão relativa à situação de DESEMPREGADO;

Para os indivíduos que estavam na situação de inactivos após acabarem o curso ou nos seis meses seguintes, responda à questão relativa à situação de INACTIVO.

## EMPREGADO

39. Nos seis meses seguintes após ter acabado o curso estava empregado. Esse emprego foi obtido imediatamente após acabar o curso, ou já o tinha antes?

- ☐ Já tinha antes
- ☐ Foi obtido imediatamente após acabar o curso
- ☐ NS/ NR

40. Qual era a sua profissão principal?

±

- ☐ NS/NR

41.E em qual das seguintes situações se encontrava:

- ☐ Trabalhador por conta própria (isolado)
- ☐ Trabalhador por conta própria (empregador)
- ☐ Trabalhador por conta de outrem
- ☐ Trabalhador familiar não remunerado
- ☐ Outra à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/ NR

42.Qual era o seu tipo de contrato?

- ☐ Contrato de trabalho sem termo
- ☐ Contrato individual de trabalho com termo (a prazo)
- ☐ Contrato de prestação de serviços (recibos verdes ou semelhante)
- ☐ Situações de trabalho pontuais e ocasionais
- ☐ Outra situação à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/ NR

43.Qual era o seu regime de trabalho?

- ☐ Tempo completo
- ☐ Tempo parcial
- ☐ NS/ NR

44.Qual era o tipo de instituição onde exercia a sua actividade, segundo o regime jurídico?

- ☐ Empresa em nome individual
- ☐ Sociedade por quotas
- ☐ Sociedade anónima
- ☐ Administração pública
- ☐ IPSS's
- ☐ Outro tipo à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/ NR

45. (Se já tinha emprego antes de acabar o curso) Quais foram as mudanças mais significativas que resultaram do facto de ter concluído o curso? (múltipla)

- ☐ Aumento salarial
- ☐ Melhoria das condições de trabalho
- ☐ Mudança de categoria profissional
- ☐ Desempenho de funções mais compatíveis com a formação obtida no curso

\_\_\_ Nenhuma mudança  
\_\_\_ Outra. Qual? \_\_\_\_\_.  
\_\_\_ NS/NR

## DESEMPREGADO

46. Se estava desempregado diga-nos quais foram as principais razões que contribuíram para essa situação? (múltipla)

Razões pessoais:

- ☐ Doença ou incapacidade pessoal
- ☐ Não encontrava trabalho adequado à sua formação
- ☐ O salário oferecido não correspondia às expectativas
- ☐ As condições de trabalho não eram satisfatórias
- ☐ A localização geográfica não lhe interessava
- ☐ Não encontrou nenhum emprego

Razões do lado do empregador:

- ☐ Despedimento (colectivo ou geográfico)
- ☐ Falência da empresa
- ☐ Fim de contrato
- ☐ Fim da tarefa encomendada
- ☐ Rescisão
- ☐ Outra razão à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

## INACTIVO

47. Se a sua situação era a de inactivo, diga-nos quais foram as principais razões para a inactividade? (múltipla)

- ☐ Decidiu continuar a estudar
- ☐ Casamento
- ☐ Maternidade/paternidade/necessidade de cuidar dos filhos
- ☐ Necessidade de cuidar de idosos/incapacitados
- ☐ Por doença ou incapacidade
- ☐ Por reforma antecipada
- ☐ Por nenhuma razão em especial
- ☐ Outra razão à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

## **2. Caracterização da situação actual**

Para os indivíduos estão na situação de empregado, responda ao conjunto de questões relativas à situação de EMPREGADO (= quer seja o mesmo emprego que tinha no momento 1, quer seja um novo emprego)

Para os indivíduos que estão na situação de desempregado, responda ao conjunto de questões relativas à situação de DESEMPREGADO.

Para os indivíduos que estão na situação de inactivos, responda ao conjunto de questões relativas à situação de INACTIVO.

## EMPREGADO

48. Qual era a sua profissão principal?

NS/NR

49. Qual é a sua situação na profissão?

- ☐ Trabalhador por conta própria (isolado)
- ☐ Trabalhador por conta própria (empregador)
- ☐ Trabalhador por conta de outrem
- ☐ Trabalhador familiar não remunerado
- ☐ Outra à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/ NR

50. Qual é o seu tipo de contrato de trabalho?

- ☐ Contrato de trabalho sem termo
- ☐ Contrato individual de trabalho com termo (a prazo)
- ☐ Contrato de prestação de serviços (recibos verdes ou semelhante)
- ☐ Situações de trabalho pontuais e ocasionais
- ☐ Outra situação à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/ NR

51. Qual é o seu regime de trabalho?

- ☐ Tempo completo
- ☐ Tempo parcial
- ☐ NS/ NR

52. Indique onde se localizava a instituição onde trabalha, ou onde é que trabalhava (no caso de ser trabalhador por conta própria).

Concelho \_\_\_\_\_ NS/ NR

53. Como é que obteve este emprego?

- ☐ Na sequência do estágio
- ☐ Concurso do ministério da educação
- ☐ Através da inscrição do centro de emprego
- ☐ Através da criação do próprio emprego
- ☐ Outra à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

54. Apesar de estar actualmente empregado, continua a procurar emprego?

☐ Sim ☐ Não ☐ NS/NR

55. (Se sim) Quais são as razões para o fazer? (múltipla)

- ☐ Receia perder o actual emprego
- ☐ O actual emprego é de carácter provisório
- ☐ Pretende um emprego mais adequado às suas qualificações escolares e/ou profissionais
- ☐ Pretende um emprego com remuneração
- ☐ Deseja um emprego onde possa desenvolver outras actividades profissionais

- ☐ Pretende um emprego mais adequado à sua experiência profissional
- ☐ Outra à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

**Actividade secundária (no caso de possuir mais de uma actividade secundária, referir aquela que considera mais importante)**

56. Desenvolve alguma actividade secundária?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ NS/NR

57. (Se sim) Em que consiste essa actividade?

NS/NR

58. Qual é a sua situação nessa profissão?

- ☐ Trabalhador por conta própria (isolado)
- ☐ Trabalhador por conta própria (empregador)
- ☐ Trabalhador por conta de outrem
- ☐ Trabalhador familiar não remunerado
- ☐ Outra à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

59. Quais são as razões para possuir uma actividade secundária? (múltipla)

- ☐ Há o risco de perder o emprego principal
- ☐ Precisa de ganhar mais dinheiro
- ☐ Pretende fazer coisas diferentes
- ☐ Por satisfação pessoal
- ☐ Outra à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

## DESEMPREGADO

60. Se a sua situação é a de desempregado, diga-nos quais foram as principais razões que contribuíram para essa situação? (múltipla)

Razões pessoais:

- ☐ Doença ou incapacidade pessoal
- ☐ Não encontrava trabalho adequado à sua formação
- ☐ O salário oferecido não correspondia às expectativas
- ☐ As condições de trabalho não eram satisfatórias
- ☐ A localização geográfica não lhe interessava
- ☐ Não encontrou nenhum emprego
- ☐ NS/NR

Razões do lado do empregador:

- ☐ Despedimento (colectivo ou geográfico)
- ☐ Falência da empresa
- ☐ Fim de contrato
- ☐ Fim da tarefa encomendada
- ☐ Rescisão
- ☐ Outra razão à Qual?

NS/NR

61. Que tipo de apoios/meios de subsistência tem tido durante este período de desemprego? (múltipla)

- ☐ Subsídio de desemprego
- ☐ Apoio familiar
- ☐ Rendimentos próprios
- ☐ Rendimento mínimo garantido
- ☐ Nenhum
- ☐ Outra razão à Qual?

NS/NR

62. Efectuou diligências para encontrar emprego, nos últimos 30 dias?

- ☐ Sim ☐ Não (passe para a pergunta 66)

NS/NR

63. (Se sim) que tipo de diligência efectuou, nos últimos 30 dias, para encontrar emprego? (múltipla)

Anúncio	<input type="checkbox"/> Resposta ao anúncio
	<input type="checkbox"/> Colocação do anúncio
Recurso a relações pessoais	<input type="checkbox"/> Amigos ou conhecidos
	<input type="checkbox"/> Familiares
	<input type="checkbox"/> Através de relações profissionais
	<input type="checkbox"/> Professores
Contacto com a instituição onde se formou	<input type="checkbox"/> Associação de antigos alunos
	<input type="checkbox"/> Gabinete de saídas profissionais
	<input type="checkbox"/> Associação de estudantes
Outras hipóteses	<input type="checkbox"/> Candidatura espontânea/ contacto com empregadores
	<input type="checkbox"/> Inscrição em centro de emprego



	<input type="checkbox"/> Candidatou-se a um concurso
	<input type="checkbox"/> Solicitou licenças ou recursos financeiro para a criação do próprio emprego
	<input type="checkbox"/> Outra razão à Qual?
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/> NS/NR

64. Relativamente à procura de emprego, está nalguma situação de espera, a diligências feitas anteriormente?

☐ Sim ☐ Não (passe para a pergunta 66) ☐ NS/NR

65. (se sim) Qual é a sua situação face às diligências feitas? (múltipla)

- ☐ Está à espera de ser colocado pelo centro de emprego
- ☐ Está à espera de resposta de um empregador
- ☐ Está à espera do resultado de um concurso
- ☐ Está à espera do resultado duma entrevista ou teste
- ☐ Está à espera do resultado de diligências para trabalhar por conta própria
- ☐ Aguarda repostas a anúncios
- ☐ Aguarda de resposta a contactos pessoais
- ☐ Outra razão à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

66. (se não) Porque é que não efectuou diligências para encontrar emprego? (múltipla)

- ☐ Aguarda chamada para um emprego
- ☐ Tem problemas de saúde
- ☐ Não sabe como procurar
- ☐ Não vale a pena procurar
- ☐ Está a receber formação
- ☐ Não está disponível por razões pessoais
- ☐ Considera que legalmente não pode ter trabalho
- ☐ Não se decidiu ainda a começar diligências
- ☐ Outra razão à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

67. Se lhe oferecessem emprego aceitaria de imediato?

☐ Sim ☐ Não ☐ NS/NR

68. (se não) Porquê?

NS/ NR

69. Que condições são necessárias para escolher/ aceitar um emprego? (múltipla)

- ☐ Ter uma remuneração que lhe pareça adequada à sua formação
- ☐ Relacionar-se com a sua área de formação
- ☐ Ter boas condições de trabalho (horário, etc.)
- ☐ Ser compatível com as suas necessidades
- ☐ Não é necessário nenhuma condição específica
- ☐ Outra razão à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

70. Que medidas tem tomado para aumentar as possibilidades de arranjar emprego?  
(múltipla)

- ☐ Inscreveu-se num centro de emprego
- ☐ Frequenta cursos de formação
- ☐ Re-ingressou na escola/faculdade (licenciatura, pós-graduação, doutoramento, etc.)
- ☐ Nenhuma medida
- ☐ Outra razão à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

## INACTIVO

71. Se se encontra inactivo, diga-nos quais foram as principais razões para a inactividade? (múltipla)

- ☐ Decidiu continuar a estudar
- ☐ Casamento
- ☐ Maternidade/paternidade/necessidade de cuidar dos filhos
- ☐ Necessidade de cuidar de idosos/incapacitados
- ☐ Por doença ou incapacidade
- ☐ Por reforma antecipada
- ☐ Por nenhuma razão em especial
- ☐ Outra razão à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

72. Qual/ Quais é/ são a(s) sua(s) fonte(s) de rendimento? (múltipla)

- ☐ Reforma/pensão
- ☐ Dependente da família ou amigos
- ☐ Rendimentos próprios
- ☐ Rendimento mínimo garantido
- ☐ Outra razão à Qual? \_\_\_\_\_.
- ☐ NS/NR

### 3. Formação Profissional

73. Considera que o Estágio Pedagógico foi decisivo para o seu desempenho profissional?

\_\_\_ Sim      Em que aspectos?

÷

\_\_\_ Não      Porquê?

÷

\_\_\_ NS/NR

74. Considera que o Estágio Pedagógico foi decisivo na sua socialização profissional?

\_\_\_ Sim      Em que aspectos?

÷

\_\_\_ Não      Porquê?

÷

\_\_\_ NS/NR

75. A esta distância temporal e relativamente ao modelo de Estágio que realizou, indique o aspecto mais negativo e positivo.

Aspectos negativos

÷

÷

Aspectos positivos

÷

÷

\_\_\_ NS/NR

76. Após este intervalo de tempo reflecta sobre o seu Estágio Pedagógico e refira a maior dificuldade que sentiu e o que mais lhe agradou.

Dificuldades

÷

÷

O que mais lhe agradou

÷

÷

\_\_\_ NS/NR

77. Alguma vez, desde que terminou o curso, frequentou acções de formação profissional

- ☐ Sim  
☐ Não (passe para a pergunta 80)  
☐ NS/NR

78. (se sim) Quais as razões para ter frequentado acções de formação profissional? (múltipla)

- ☐ Adaptação a mudanças tecnológicas ou actualização de conhecimentos  
☐ Preparar-se para um emprego  
☐ Retorno a um emprego após longa permanência  
☐ No âmbito de um programa de promoção de emprego  
☐ Exigência de entidade patronal  
☐ Necessidade de formação para progressão na carreira  
☐ Por interesse pessoal  
☐ Outra razão? Qual? \_\_\_\_\_  
☐ NS\NR

79. (se sim) Em que área(s)? (máximo 3)

⋮

⋮

☐ NS/NR

80. (se não) Quais as razões para nunca ter frequentado acções de formação profissional?

- ☐ Não sente necessidade de actualização  
☐ Nunca foi seleccionado para frequentar um curso de formação  
☐ Não tem tempo para a frequência  
☐ Outra razão? Qual? \_\_\_\_\_  
☐ NS\NR

81. Sente necessidade de frequentar acções de formação profissional?

- ☐ Sim ☐ Não ☐ NS/NR

82. (se sim) Em que área(s)? (máximo 2)

⋮

⋮

☐ NS/NR

## 4.Representações\Expectativas face à trajectória Profissional

83. Considera que o facto de alguém acabar um curso superior lhe aumenta as possibilidades de encontrar emprego?

\_\_\_ Sim \_\_\_ Não \_\_\_ NS/NR

84. Se não, porquê?

NS/NR

85. E no seu caso pessoal, aumentou as suas possibilidades de encontrar emprego? Posicione-se numa escala de 1 a 4, sendo que **1 é não aumentou nada, 2 é aumentou pouco, 3 é aumentou e 4 é aumentou muito:**

1	2	3	4
---	---	---	---

NS/NR

86. Pensando no curso que frequentou, diga-nos quais dos seguintes aspectos estiveram mais ou menos presentes na formação que fez. Posicione-se numa escala de 1 a 4, sendo que **1 é não aumentou nada, 2 é aumentou pouco, 3 é aumentou e 4 é aumentou muito:**

Capacidade de trabalhar em equipa	
Capacidade de negociação/ argumentação	
Capacidade de planeamento, coordenação e organização	
Capacidade de liderança	
Capacidade de pensamento crítico	
Capacidade de síntese	
Capacidade de comunicação oral e escrita	
Capacidade de tomar decisões	
Capacidade de assumir responsabilidades	
Capacidade técnica e domínio de técnicas e tecnologias	
Conhecimentos sobre o funcionamento das organizações	
Outro. Qual? _____.	
NS/NR	

87. Tendo em conta estes mesmos aspectos, diga-nos quais é que se têm revelado mais importantes no seu actual desempenho profissional. Posicione-se numa escala 1 a 4, sendo que **1 é não aumentou nada, 2 é aumentou pouco, 3 é aumentou e 4 é aumentou muito:**

Capacidade de trabalhar em equipa	
Capacidade de negociação/ argumentação	
Capacidade de planeamento, coordenação e organização	
Capacidade de liderança	
Capacidade de pensamento crítico	
Capacidade de síntese	
Capacidade de comunicação oral e escrita	
Capacidade de tomar decisões	

Capacidade de assumir responsabilidades	
Capacidade técnica e domínio de técnicas e tecnologias	
Conhecimentos sobre o funcionamento das organizações	
Outro. Qual? _____.	
NS/NR	

88. Ao longo do seu percurso profissional, excluindo a situação actual, alguma vez desempenhou uma actividade na área em que completou o curso?

- ☐ Sim  
☐ Não  
☐ NS/NR

89. Actualmente, acha que a actividade profissional que desempenha se relaciona com a área em que completou o curso?

- ☐ Sim  
☐ Não  
☐ NS/NR

## 5. SATISFAÇÃO COM O PERCURSO PROFISSIONAL

90. Numa escala de 1 a 4, sendo que 1 é **nada satisfeito**, 2 é **pouco satisfeito**, 3 é **satisfeito** e 4 é **muito satisfeito**, qual é o seu grau de satisfação com o seu percurso profissional até agora?

1	2	3	4
---	---	---	---

NS/NR

91. Especificamente, qual é o seu grau de satisfação com a sua situação profissional actual (na mesma escala).

1	2	3	4
---	---	---	---

NS/NR

## 6. EXPECTATIVAS / ASPIRAÇÕES QUANTO AO FUTURO PROFISSIONAL

92. Em termos profissionais, o que é que pensa fazer no curto/ médio prazo?

⋮

⋮

⋮

\_\_\_ NS/NR

93. Qual é a sua maior ambição em termos profissionais?

⋮

⋮

⋮

\_\_\_ NS/NR

Terminou agora o questionário, gostaria de fazer alguns comentários/observação?

⋮

⋮

⋮

**Agradecemos a sua colaboração**

## **ANEXO 2**

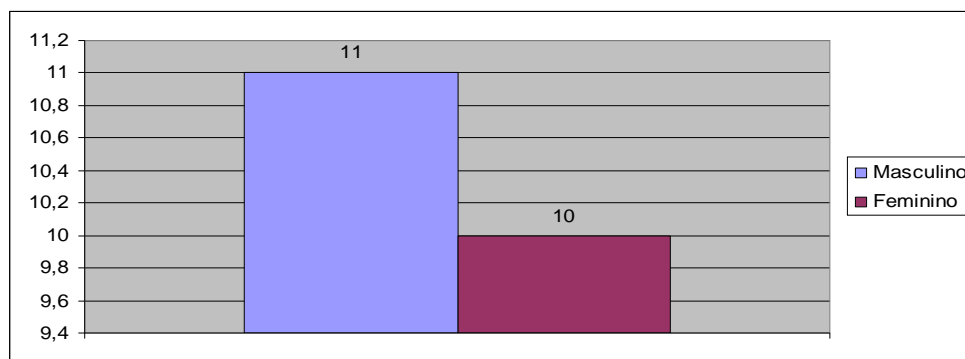
Dados do tratamento Estatístico através do programa “ Statistical program for Social  
Sciences “- SPSS.



## PERFIL SOCIAL

### Gráfico IV.1

Diplomados segundo o gênero



### Quadro IV.1

Idade dos licenciados

Idade dos inquiridos	Frequência (N)	Percentagem (%)
23	4	19,0
24	12	57,1
25	4	19,0
26	1	4,8
Total (N)	21	100

### Quadro IV.2

Mudança de Residência

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Sim	19	90,5
Não	2	9,5
Total	21	100,0

### Quadro IV.3

Concelho para onde mudaram

Concelho	Frequência (N)	Percentagem (%)
Coimbra	20	95,2
NS/NR	1	4,8
Total	21	100,0

### Quadro IV.4

Estado civil

Estado civil	Frequência (N)	Percentagem (%)
Solteiro	19	90,5
Casado/União de facto	2	9,5
Total	21	100,0

### Quadro IV.5

Grupo doméstico

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Vive sozinho	2	9,5
Vive com o pai/padrasto	11	52,4
Vive com a mãe/madrasta	2	9,5
Vive com o cônjuge/companheiro	4	19,0
Vive com amigos	2	9,5
Total	21	100,0

### Quadro IV.6

Escolaridade dos pais/ Cônjuge

Nível de escolaridade	Pai		Mãe		Cônjuge	
	N	%	N	%	N	%
1º Ciclo do Ensino Básico	9,0	42,9	9,0	42,9	0,0	0,0
2º Ciclo do Ensino Básico	1,0	4,8	2,0	9,5	0,0	0,0
3º Ciclo do Ensino Básico	4,0	19,0	4,0	19,0	0,0	0,0
Ensino Secundário complementar ou equivalente-10/11º ano	3,0	14,3	3,0	14,3	1,0	12,5
12º ano, propedêutico ou equivalente	1,0	4,8	1,0	4,8	1,0	12,5
Bacharelato	1,0	4,8	0,0	0,0	1,0	12,5
Licenciatura	2,0	9,5	1,0	4,8	4,0	50,0
Mestrado	0,0	0,0	1,0	4,8	1,0	12,5
Total	21,0	100,0	21,0	100,0	8,0	100,0

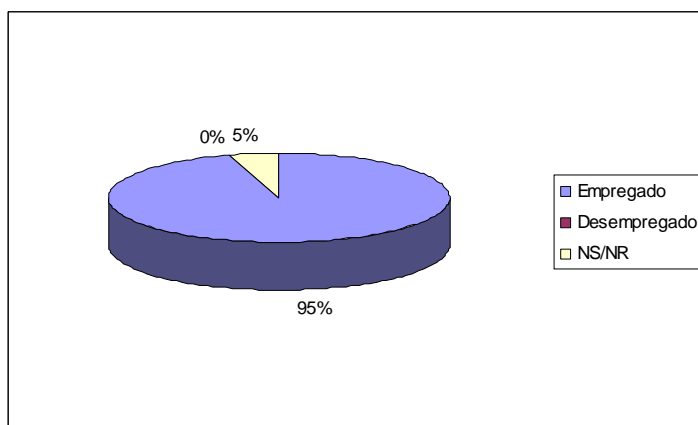
**Quadro IV.7**

Condição dos pais/ Cônjuge perante o trabalho

	Pai		Mãe		Cônjuge	
	N	%	N	%	N	%
Empregado	19,0	90,5	12,0	57,1	9,0	100,0
Reformado	1,0	4,8	0,0	0,0	0,0	0,0
Doméstico	0,0	0,0	7,0	33,3	0,0	0,0
Outra	0,0	0,0	2,0	0,0	0,0	0,0
NS/NR	1,0	4,8	0,0	9,5	0,0	0,0
Total	21,0	100,0	21,0	100,0	9,0	100,0

**Gráfico IV.2**

Situação dos diplomados face à actividade



#### Quadro IV.8

Profissão principal dos diplomados inquiridos

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Professor	14	66,7
Instrutor	2	9,5
Técnico Superior de Desporto	2	9,5
Monitor de Natação	1	4,8
NS/NR	2	9,5
Total	21	100,0

### TRAJECTÓRIA ESCOLAR

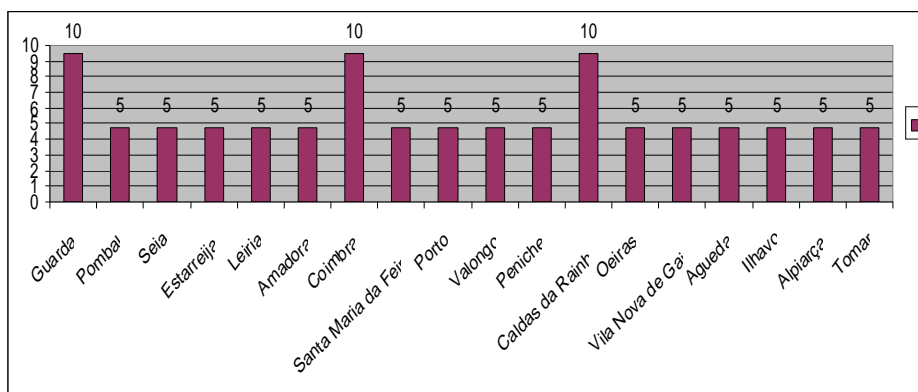
#### Quadro IV.9

Tipo de estabelecimento do Ensino Secundário frequentado pelos licenciados

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Público	18	85,7
Privado	3	14,3
Total	21	100,0

#### Gráfico IV.3

Localidade onde o Licenciado terminou o Ensino Secundário



#### Quadro IV.10

Habilitação de Candidatura ao ensino Superior

	Frequência (N)	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada
12º Ano, via ensino	21	100	100

#### Quadro IV.11

Modalidade de Acesso ao Ensino Superior

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Concurso Nacional - Geral	21	100

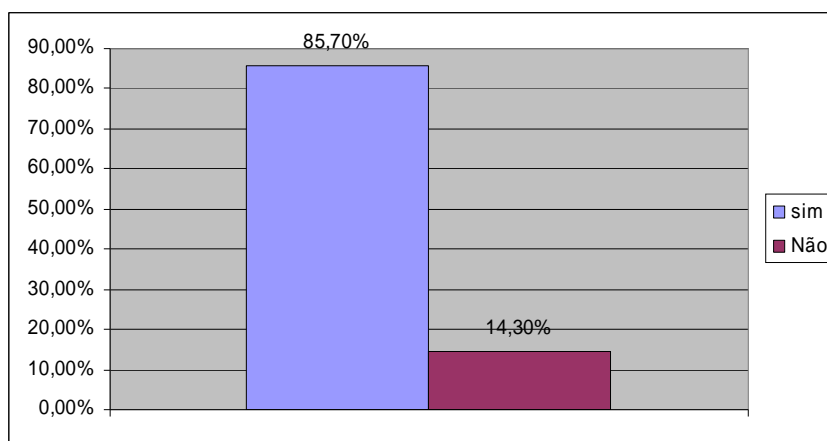
#### Quadro IV.12

Nota média de Candidatura ao FCDEF-UC segundo o género

	Masculino	Feminino	Total
10 a 12	0	1	1
13 a 14	7	6	13
15 a 16	3	3	6
NS/NR	1	0	1
Total	11	10	21

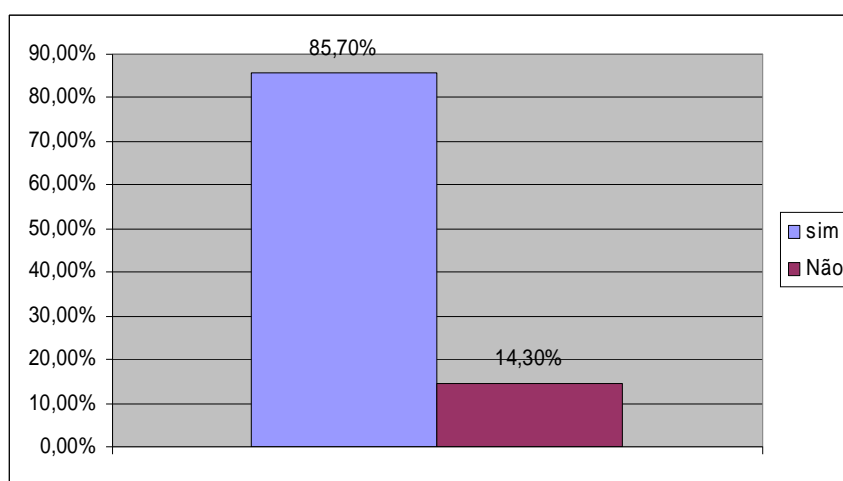
#### Gráfico IV. 4

Escolha da FCDEF-UC como primeira Opção



#### Gráfico IV.5

Conclusão do curso no tempo curricular mínimo



#### Quadro IV.13

Razões para não ter terminado o curso no tempo curricular mínimo

	Frequência (N)	Porcentagem (%)
Teve de cumprir serviço militar obrigatório durante o curso	1	5
Teve dificuldade em ter aproveitamento numa/num conjunto de disciplinas	1	5
Outra	1	5
NS/NR	18	86
Total	21	100

#### Quadro IV.14

Razões para o ingresso neste curso

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Por ser um curso com Prestígio	4	19
Pela estrutura curricular do curso	3	14
Por ser um curso essencialmente prático	5	24
Por ser um curso com várias saídas profissionais	13	62
Por ser um curso com boas saídas profissionais	3	14
Por já ter trabalhado em áreas afins	17	81
Por ser um curso que permitia a aquisição de conhecimentos na sua área de interesse	2	10
Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão útil	18	86
Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão bem remunerada	5	24
Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão que lhe deixasse tempo livre	2	10
Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão com prestígio social	2	10
Por ser um curso com tradição na família	3	14
Por ser um curso que lhe permitia impor a sua vontade perante a família	1	5
Por ser um curso para o qual tinha média suficiente para entrar	5	24
Outra	1	5
NS/NR	2	10
Total	86	410

#### Quadro IV.15

Razões para o ingresso neste estabelecimento de Ensino segundo o género

<b>Razões para o ingresso neste estabelecimento de Ensino</b>	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Por ser um estabelecimento de ensino com prestígio	10	48
Por ser o único estabelecimento que tinha o curso que pretendia	2	10
Por ser um estabelecimento que tinha um corpo docente de qualidade	1	5
Por ser um curso com várias saídas profissionais	8	38
Por ser um curso com boas saídas profissionais	1	5
Por ser o estabelecimento mais próximo do sítio onde vivia	11	52
Por ser um estabelecimento distante do sítio onde vivia	1	5
Por ser um curso que permitia desempenhar uma profissão útil	3	14
Por conselho de amigos	3	14
Por conselho de familiares	1	5
Por conselho de professores	2	10
Alguns dos amigos candidataram-se ao mesmo estabelecimento	1	5
Foi onde ficou colocado	4	19
Outra	2	10
NS/NR	1	5
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>243</b>

#### **Quadro IV.16**

Média de final de curso

	<b>Frequência (N)</b>	<b>Percentagem (%)</b>
<b>13 a 14</b>	1	4,8
<b>15 a 16</b>	14	66,7
<b>17 a 18</b>	6	28,6
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>100</b>



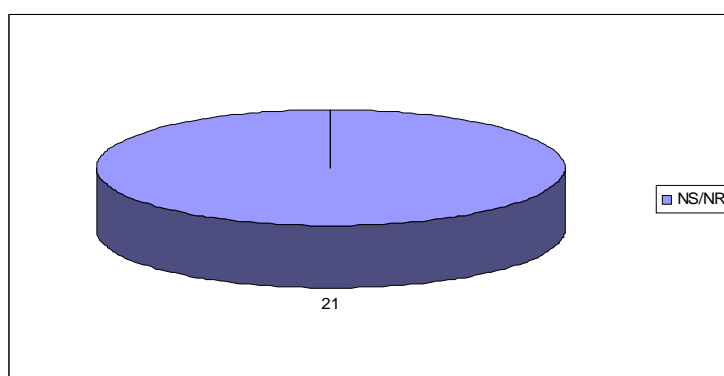
#### Quadro IV.17

Se fosse hoje, o que faria?

	Frequência (N)	Percentagem (%)
Escolhia o mesmo curso, mas noutro estabelecimento de ensino	3	14,3
Escolhia outro curso, mas no mesmo estabelecimento de ensino	1	4,8
Escolhia o mesmo curso e o mesmo estabelecimento de ensino	17	81,0
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>100,0</b>

#### Gráfico IV.6

Qual o curso que escolheria?



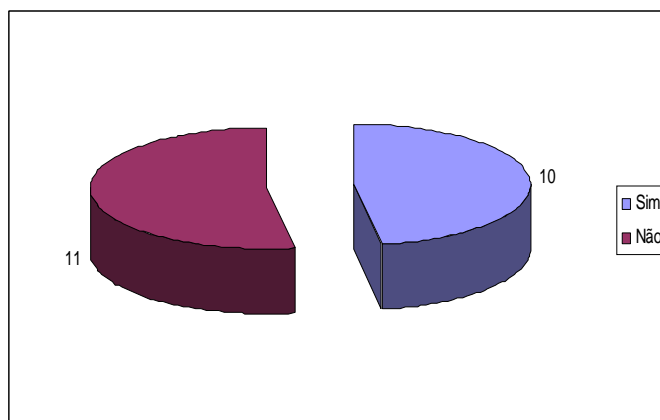
#### Quadro IV.18

Qual o estabelecimento que escolheria?

	Frequência (N)	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada
<b>Lisboa/ Estabelecimento</b>	<b>1</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

### Gráfico IV.7

Trabalhou durante o curso



### Quadro IV.19

Anos do curso em que trabalhou

	Frequência (N)	Porcentagem (%)
Sempre	2	10
1ºano	1	5
2ºano	3	14
3ºano	4	19
4ºano	6	29
NS/NR	11	52
Total	27	129